



Bruno José Esteves Rodrigues

O ENVOLVIMENTO DO PAI NUM CONTEXTO EDUCATIVO TEIP

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRADO EM TEMAS DE PSICOLOGIA

Área de especialização:

*Intervenção Psicológica, Educação
e Desenvolvimento Humano*

2011

O Envolvimento Paterno num Contexto Educativo TEIP

**Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para a obtenção do Grau de Mestre em Temas de Psicologia,
Ramo da Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança, sob orientação do
Professor Doutor José Albino Rodrigues Lima**

Bruno José Esteves Rodrigues

Porto 2011

Resumo

Este estudo tem como objetivo principal contribuir para a compreensão das formas e fatores do envolvimento do pai num território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP).

A literatura sustenta um menor envolvimento dos pais oriundos de meios sociais mais desfavorecidos. Neste estudo pretendemos explorar em que medida tal se verifica num TEIP, analisar as formas de envolvimento privilegiadas entre pais e filhos neste contexto e testar o efeito de variáveis relativas à criança, ao pai e à mãe nas referidas formas de envolvimento paterno.

Participaram 155 crianças em idade escolar (8-13 anos), que vivem na sua grande maioria num Bairro Social da Área Metropolitana do Porto e frequentam uma Escola TEIP.

Foram exploradas as formas de envolvimento paterno – *Interação, Acessibilidade e Responsabilidade* e diferenciados cinco tipos de interação diádica entre o pai e a criança – *Jogo, Funcional, Paralelo, Transição e Apoio Emocional e Estimulação*.

Analisamos em que medida, as formas de envolvimento paterno variam ou se relacionam com fatores relativos à criança (sexo), ao pai (escolaridade) e à mãe (responsabilidade materna).

Constatamos, neste caso, que o envolvimento do pai não é condicionado pelo estatuto social e que nem sempre as crianças de um nível económico mais baixo passam menos tempo com os seus pais.

Do mesmo modo, também não verificamos neste grupo, apesar do seu entorno, a existência de comportamentos disruptivos que afetem o referido envolvimento.

Apesar da pobreza em que muitas destas crianças vivem, são acompanhadas pelos seus pais, desenvolvendo várias atividades com os mesmos.

Paralelamente, também se verifica neste estudo, o envolvimento da figura da mãe, a quem ainda são destinadas muitas das tarefas que por questões culturais, já desempenhavam antes da entrada da mulher no mundo do trabalho.

Os resultados alcançados globalmente, demonstram a importância das variáveis testadas para o estudo do envolvimento do pai neste contexto e apoiam o modelo relativo às formas e fatores do envolvimento paterno, apresentado na presente investigação.

Abstract

This study's main objective is to contribute to the understanding of ways and factors of fathers' involvement in a *Priority Educational Territory (PET)*.

Literature supports a lower involvement of parents from disadvantaged social backgrounds. In this study we intend to explore how this occurs in this PET, focusing in the privileged forms of father's involvement in that context and to test the effect of variables related to the child, the father and mother in these forms of parental involvement.

In our research, using a sample of 155 children of school age (8-13 years), living mostly on social housing in the metropolitan area of Porto and attend a PET' school. We explored the forms of parental involvement - *Interaction, Availability and Responsibility*- and five different types of dyadic interaction between parent and child - *Play, Functional, Parallel, Transition and Emotional Support and Stimulation*.

We examined to what extent, the forms of parental involvement vary or relate to factors relating to the child (sex), father (education) and mother (maternal responsibility).

We found that the involvement of the father is not conditioned by social status and that not all children of a lower economic level are less monitored by their parents.

Similarly, in this group we didn't verify the existence of disruptive behaviors that affect such involvement.

Despite the poverty in which many of these children live, are accompanied by their parents, developing various activities with them.

Likewise, this study also shows the involvement of the mother figure, who is still designed for many of the tasks, that she played in the past, for cultural reasons, before the entry of women into the workplace.

The overall results demonstrate the importance of the variables tested for the study of father involvement and support in this context on the model forms and factors of parental involvement, presented in this investigation.

Résumé

L'objectif principal de cette étude est de contribuer à la compréhension des modalités et facteurs de l'engagement paternel dans une Zone d'Éducation Prioritaire (ZEP).

La littérature prend en charge une plus faible participation des parents de milieux sociaux défavorisés. Dans cette étude, nous avons l'intention d'explorer dans quelle mesure cela se produit dans une ZEP, définir et encadrer les modalités privilégiées de l'engagement paternel dans ce contexte et, aussi bien, que clarifier les facteurs déterminants de l'engagement du père afin de tester l'effet des variables liées à l'enfant, au père et à la mère dans les formes référées de l'engagement paternel.

Ont participé à cette recherche 155 enfants d'âge scolaire (8-13 ans), vivant principalement sur le logement social dans la zone métropolitaine de Porto fréquentant une ZEP.

Les modalités de l'engagement paternel - *Interaction, Accessibilité et Responsabilité* – aussi bien que cinq types d'interaction dyadique – *jeu, fonctionnel, parallèle, transition et Stimulation et Soutien Émotionnel*- ont été étudiés.

Nous avons examiné dans quelle mesure, les formes d'implication des parents varient ou se rapportent à des facteurs relatifs à l'enfant (sexe), père (éducation) et sa mère (la responsabilité de la mère).

Nous avons aussi constaté que l'implication du père n'est pas conditionnée par son statut social et aussi, que ni tous les enfants d'un niveau économique inférieur passent moins de son temps avec leurs parents. De même, dans ce groupe on n'a pas vérifié l'existence de comportements perturbateurs qu'affectent telle engagement.

Malgré la pauvreté dans laquelle beaucoup de ces enfants vivent, on a vérifié qu'ils sont accompagnés par leurs parents, en développant diverses activités avec eux. Au même temps, est également observée dans cette étude, l'implication de la figure maternelle, à la quelle sont encore attribuées, tâches spécifiques, comme au passé avant de l'entrée des femmes dans le monde du travail.

Les résultats globaux mettent en évidence l'importance des variables analysées pour l'étude du rapport de l'engagement paternel dans ce contexte enfant, confirmant le modèle relatif aux modalités, facteurs et conséquences de l'engagement paternel, présenté dans cette recherche.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor José Albino Lima, por todo o apoio, confiança, paciência, sapiência e dedicação com que me orientou ao longo de todo este desafio!

A todos aqueles colegas que partilham comigo os corredores do Agrupamento onde este trabalho foi realizado... sem o vosso apoio não teria conseguido atracar este barco em bom porto!

Aos pais e às mães pelo voto de confiança e interesse que sempre mostraram neste trabalho!

Aos grandes participantes: as crianças que participaram nesta investigação... pelos sorrisos e entusiasmo que mostraram sempre!

Às colegas e aos restantes professores da Faculdade com quem tive o prazer de partilhar tantos e tantos momentos ... foi tudo muito mais fácil sabendo que estávamos juntos!

A todos os Amigos e Amigas, pelo apoio incondicional e pela força que me deram ao longo de tantos meses!

Aos meus PAIS por serem o meu grande pilar!!

Ao meu Avô (pai duas vezes) porque sei, que algures, com as suas «meias-palavras» e com o seu sorriso desafiador continua a torcer por mim e a apoiar-me diariamente!

A TODOS, O MEU MUITÍSSIMO OBRIGADO POR ME TEREM AJUDADO A TORNAR MAIS FIRMES MUITOS DOS MEUS PASSOS, QUANDO SENTIA QUE COMEÇAVA A FRAQUEJAR!

Introdução	12
CAPÍTULO I. Parte teórica	14
1. Um contexto educativo TEIP	15
2. O envolvimento da família num território educativo de intervenção prioritária	16
3. O envolvimento paterno	18
3.1. Porquê estudar o envolvimento paterno?	18
3.2. A especificidade do envolvimento paterno num TEIP	21
3.3. Formas de envolvimento paterno - O modelo tripartido de envolvimento: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade	23
3.4. Fatores de envolvimento paterno	24
3.4.1. O envolvimento paterno e o sexo da criança	24
3.4.2. O envolvimento paterno e a idade da criança	25
3.4.3. O envolvimento paterno e as habilitações académicas do pai	25
3.4.4. O envolvimento paterno e o envolvimento materno	27
CAPÍTULO II. Parte empírica	28
1. Apresentação e metodologia da investigação	29
1.1. Objetivo	29
2. Questões de investigação	29
3. Método	30
3.1. Participantes	30
3.2. Instrumentos	30
3.2.1. GUIA - Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade	31
3.2.2. ERP – Escala de Responsabilidade Parental	31
3.2.3. Ficha de dados sociodemográficos	33
3.3. Procedimento	33
3.3.1. GUIA	33
3.3.2. ERP	34

3.3.3. Ficha de dados sociodemográficos	34
CAPÍTULO III. Resultados	35
1. Introdução	36
2. Caracterização das formas de envolvimento em função do período da semana	36
2.1. Formas de envolvimento Acessibilidade e Interação	36
2.1.1. Tipos de interação	37
2.2. Formas de envolvimento Responsabilidade	39
3. Caracterização das formas de envolvimento paterno em função do sexo da criança	40
3.1. Formas de Envolvimento Acessibilidade e Interação	40
3.1.1. Tipos de interação	41
3.2. Forma de Envolvimento Responsabilidade	42
4. Caracterização das formas de envolvimento paterno em função das habilitações literárias do pai	44
4.1. Formas de Envolvimento Acessibilidade e Interação	44
4.1.1. Tipos de interação	45
3.2. Forma de Envolvimento Responsabilidade	47
5. Caracterização da Responsabilidade paterna em função da Responsabilidade materna	48
CAPÍTULO IV. Discussão e Conclusão	51
1. Discussão e conclusão	52
Referências bibliográficas	58
Anexos	64
Anexo 1 - Declaração de consentimento Informado	65
Anexo 2 - Ficha de dados Sociodemográficos	67
Anexo 3 - ERP	70
Anexo 4 - GUIA	74

Índice de quadros

Quadro 1	Valores de variância explicada e valores de consistência interna para os 4 fatores e escala total	32
Quadro 2	Tempo (em minutos) despendido pelo pai nas formas de envolvimento acessibilidade e Interação – e tipos de Interação – em função do período da semana	37
Quadro 3	Tempo de acessibilidade e Interação e (em minutos) em função de período da semana e sexo da criança	41
Quadro 4	Tipos de Interação (em minutos) em função de período da semana e sexo da criança	41
Quadro 5	Padrão de médias da responsabilidade do pai em função do sexo da criança	43
Quadro 6	Padrão de médias das habilitações literárias do pai em função da interação e do envolvimento com a criança	44
Quadro 7	Padrão de médias da escolaridade do pai em função da Interação com a criança	46
Quadro 8	Padrão de médias da escolaridade do pai em função da ERP	47
Quadro 9	Correlações entre os fatores da escala de satisfação com o envolvimento parental para o pai e para a mãe	49
Quadro 10	Média e desvio-padrão dos quatro fatores da escala de responsabilidade (ERP)	49

Índice de figuras

Figura 1	Tempo médio despendido pelo pai em função do tipo de Interação e do período da semana	38
Figura 2	Assunção de responsabilidade paterna Total e através das quatro dimensões da ERP - AEE, CI, Esc. e AD	39
Figura 3	Tempo médio despendido pelo pai, à semana e ao fim de semana, em função do tipo de Interação e do sexo da criança	42
Figura 4	Padrão de médias segundo a ERP por sexo das crianças	43
Figura 5	Tempo médio despendido pelo pai, à semana e ao fim de semana, em função do tipo de interação e das habilitações literárias do pai	45
Figura 6	Padrão de médias de responsabilidade do pai	48
Figura 7	Médias dos quatro fatores da escala de responsabilidade paterna e materna	50

Introdução

Num período recente de nossa história, o homem defrontava dificuldades para separar a sua individualidade das funções de pai.

Numa visão do mundo mais «tradicional», podemos considerar que ao pai lhe era destinado um papel mais passivo na educação dos filhos, cabendo-lhe quase exclusivamente a manutenção do sustento económico familiar. Esta situação veio-se corrigindo, lenta e progressivamente, com base em transformações mais amplas, que afetam de modo indissociável, a sociedade e a família.

Com uma crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, o homem é surpreendido pela rutura da hierarquia doméstica e pela transformação gradual do papel que lhe estava destinado. A mulher deixa de assumir exclusivamente os afazeres da casa e o cuidado com os filhos, partilhando com o homem o papel de trabalhar e garantir a subsistência económica da sua família. Deste modo, o papel do pai, maioritariamente ligado ao sustento económico da família tende a dissipar-se.

Assim, o pai começa a ocupar outros papéis e funções no seio da família, promovendo uma maior aproximação dos seus membros e fortalecendo também o vínculo existente, nomeadamente com os seus filhos. Tais mudanças permitem reduzir o *vazio*, por vezes instalado, na rede de relações afetivas.

O modelo de família, organizado com base na hierarquia, regido pela severidade de princípios, é substituído por formas diferenciadas de organização, reduzindo também o lugar para o autoritarismo do antigo pai provedor, que exercia domínio sobre o grupo. Gradualmente, adotam-se também na nossa sociedade, formas alternativas de convivência familiar e criam-se espaços para manifestações diferenciadas da paternidade.

Dada a complexidade envolvida na questão do pai optamos por trabalhar com um pai específico, inserido num contexto sociocultural baixo e tentar perceber o seu papel. Será que tal como defendem alguns autores, o estatuto social pode determinar diferentes níveis de envolvimento paterno? Será que as crianças de um nível económico mais baixo passam menos tempo com os seus pais, comparativamente às de nível social mais elevado (Child Trends, 2002 cit. por Nelson, 2004)?

Será que o baixo estatuto económico potencia algum tipo de comportamento menos adequado e socialmente menos aceitável, por parte dos pais para com as mães e para com as crianças (Elder, 2002 cit. por Nelson, 2004), e prejudica o referido envolvimento? Será que a pobreza reduz o nível de envolvimento emocional do pai (Nelson, 2004)?

Estas e outras questões levaram-nos a desenvolver a presente investigação. Assim, pretendemos explorar as formas de envolvimento privilegiadas entre pais e filhos num contexto TEIP e analisar o efeito de variáveis relativas à criança, ao pai e à mãe nas referidas formas de envolvimento paterno.

Neste sentido, no primeiro capítulo, fazemos uma caracterização breve do contexto onde esta investigação decorreu, explorando as características destas famílias enquanto impulsionadoras do desenvolvimento concreto destas crianças.

Posteriormente expomos as formas de envolvimento paterno refletindo sobre as transformações históricas, económico-sociais e culturais e a forma como elas se cruzam e clarificam o novo papel do pai. Neste sentido tentamos clarificar também o pai específico deste contexto.

Apresentamos depois o modelo tripartido de envolvimento do pai, originalmente proposto por Lamb, Pleck, Charnov, e Levine (1987), o qual se revelou essencial na realização deste trabalho.

De seguida, apoiados em resultados de várias investigações, debruçamo-nos sobre os fatores que determinam as formas de envolvimento do pai: sexo da criança, habilitações académicas do pai e o próprio envolvimento da mãe.

No capítulo II apresentamos a parte empírica deste trabalho. Fizemos o seu enquadramento, definimos as principais questões de investigação subjacentes à realização do estudo e consideramos vários aspetos metodológicos.

No capítulo III apresentamos, analisamos e discutimos sumariamente os resultados desta investigação seguindo uma *lógica* de análise dos dados pela qual, progressivamente, fomos aprofundando a relação entre as variáveis consideradas.

Já no último capítulo, tentamos expor as principais conclusões de todo o trabalho desenvolvido ao longo desta investigação, procurando de modo coerente apresentar um conjunto de pontos de discussão que julgamos serem incitadores de uma melhor compreensão das formas e fatores de envolvimento do pai num Contexto Educativo TEIP.

1. Um contexto educativo TEIP

Criados em 1996 pelo Ministério da Educação, os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP), constituem uma medida de política educativa que determina uma intervenção num determinado espaço social e administrativo, no combate aos problemas de exclusão social e consequentemente de exclusão escolar.

Nas cidades, as crianças mais sujeitas a este tipo de problemas de exclusão, são moradoras de bairros de periferia, onde sofrem com a falta de serviços básicos para o seu desenvolvimento. Estão inseridas em famílias muitas vezes destruídas que vivem em condições inadequadas, moradias pequenas, sem grandes condições de habitabilidade, constituindo deste modo contextos desenvolvimentais de risco.

Todas as crianças, independentemente de crescerem em condições desfavoráveis, ou em situação de risco, dependem de certos fatores de desenvolvimento, nomeadamente o convívio e o contato com os adultos. Estas são *naturalmente* condições essenciais para promover um desenvolvimento saudável.

O contato com a família bem estruturada proporciona, por isso, condições à criança, de forma que esta aproveite melhor as suas oportunidades e fique menos vulnerável a situações de risco.

Na criação dos TEIP, está a base do princípio de discriminação positiva na atribuição de recursos, que tem como principal finalidade a concretização do princípio de igualdade de oportunidades, tal como pode ler-se, logo no início do documento legal (Despacho nº 147 – B/ME/96). Este afirma a pretensão de apoiar as “populações mais carenciadas” criando nas escolas “condições geradoras de sucesso escolar e educativo dos seus alunos” com o principal objetivo de “promover a igualdade de acesso e do sucesso educativo da população escolar do ensino básico”.

Tendo como ponto de partida uma política de discriminação positiva, valoriza-se muito o papel dos atores locais e fomenta-se o estabelecimento de parcerias, enquanto contributo para a criação de condições de igualdade de oportunidades.

Inclusivamente a emergência dos TEIP no contexto Educativo Português relaciona-se com a necessidade de repensar os fenómenos de “exclusão social” e de “exclusão escolar” na medida

em que o aumento de qualificações escolares não corresponde necessariamente a uma solução que impeça a exclusão (Canário, Alves & Rolo, 2001).

Os TEIP são assim encarados como *instrumentos* pensados para enfrentar problemas de abandono e de insucesso escolar em áreas geográficas consideradas problemáticas, dada a convergência de populações socialmente excluídas.

Como noutros países, em Portugal tem sido em escolas de bairros problemáticos que mais se têm desenvolvido experiências de inovação social. Neste sentido, os TEIP recuperam a importância do papel da educação enquanto contributo para a resolução das questões de desigualdade social.

2. O envolvimento da família num território educativo de intervenção prioritária

O estudo das condições sociais revela-se importante devido à clara influência no desenvolvimento da criança. Halpern e Figueiras (2004) definem fator de risco como um princípio que, quando presente, aumenta a vulnerabilidade de uma pessoa ou grupo potenciando a sua exposição a problemas.

Os mesmos autores, apoiados em Garbarino (1990), defendem também que o risco relaciona dois tipos de interação: em primeiro lugar, a da criança com o seu meio social imediato, representado pela família onde ocorrem uma série de processos, acontecimentos e relacionamentos; em segundo, a interação desta família com o meio ambiente num sentido mais amplo.

Ribeiro e Sani (2009), citam num dos seus trabalhos, o «ambiente socialmente tóxico», que Garbarino defende como sendo fator de vulnerabilidade no desenvolvimento.

Garbarino e Sherman (1980, cit. por Scales, Peter & Roehlkepartain, 2004) afirmam que o risco social nestes contextos é maior, quanto maior for tempo de permanência destas famílias no mesmo bairro. Segundo os autores, estas famílias acabam por se acomodar a estas vivências e gradualmente apresentam maiores dificuldades em perspetivarem melhores condições de vida.

Alguns autores defendem ainda que as famílias de meios sociais desfavorecidos, facilmente se encontram mais expostas ao risco, consequência da própria condição de pobreza, que traz para o seu seio a privação financeira e sociocultural (Garbarino & Abramowitz, 1992).

Embora a pobreza não seja a causa direta dos problemas evidenciados na convivência das famílias de baixos rendimentos, estas circunstâncias associadas a outras, apresentam uma forte relação com as adversidades enfrentadas por esta população. Acrescentam porém, que é importante entender que cada família deve ser percebida como uma «pequena sociedade» com características próprias e que cada núcleo familiar pode apresentar formas e métodos diferenciados de superação das adversidades.

Os fatores ambientais estão presentes em todas as fases de desenvolvimento e estes territórios, caracterizam-se sobretudo pelo imperar de uma forte vulnerabilidade que pode ser social, biológica ou climática (Silva, 2010).

Social, quando se caracterizam pela inexistência de aspetos básicos de promoção da cidadania, ambulatórios ou postos médicos que garantiriam uma consulta médica. Biológica, quando se está exposto à contaminação por agentes causadores de patologias. Climática quando nos referimos a situações ambientais desfavoráveis ou até mesmo de subsistência (Palma, 2003 cit. por Silva 2010).

A vulnerabilidade social está por isso, por vezes, atrelada à desigualdade social. Uma exclusão *programada* que impossibilita algumas destas crianças de aproveitarem condições estruturais e processuais facilitadoras do seu desenvolvimento.

O baixo nível económico destas famílias contribui para gerar um ambiente desfavorável ao desenvolvimento da criança, criando um ciclo vicioso que, não raras vezes, permanece por gerações, em que pais com baixas expectativas, não conseguem propiciar condições favoráveis para os seus filhos se desenvolverem.

De facto, a família pode ser um grande “motor” para o desenvolvimento da criança (Silva, 2010) pois é nesse microsistema que de modo privilegiado se podem desenvolver as principais interações e atividades que estimulam o desenvolvimento da criança. Neste caso, uma criança que convive com pais em situação de vulnerabilidade poderá estar mais exposta a uma situação de risco, comparada a uma outra, inserida numa família mais estruturada. Esta última promove, à partida, melhores condições ao desenvolvimento pleno e à autonomia da criança.

Segundo Silva (2010), as crianças que crescem num contexto de maior risco social, não atingem um resultado desenvolvimental tão satisfatório, comparativamente a outras crianças criadas em famílias mais estáveis e em melhor situação económica.

Além disso, vários estudos mostram que os pais de famílias pobres brincam menos com seus filhos e desenvolvem menos atividades intelectuais, criando um ambiente que não estimula o desenvolvimento das crianças, cabendo por isso à escola, a tarefa de promover ações que mudem essa situação de risco ao desenvolvimento do aluno.

De todo o modo, Molinari, Silva e Crepaldi (2005), novamente baseados em Garbarino (1990) salientam que os resultados no desenvolvimento da criança são produzidos muitas vezes não só por um, mas pela combinação de vários fatores de risco aos quais a criança é sujeita.

3. O envolvimento paterno

3.1. Porquê estudar o envolvimento paterno?

O conceito de paternidade tem vivenciando enormes mudanças como consequência de alterações económicas, sociais e culturais com que as famílias se têm deparado ao longo do tempo.

Ao pai, como o denota a escassez de estudos feitos nos anos 50 e 60, eram apenas atribuídas as funções de desenvolver brincadeiras com os filhos, a promoção do desenvolvimento social das meninas e a formação de identidade sexual dos meninos (Lamb, 1997).

O papel do pai como provedor financeiro, que trabalhava longas horas reduzia o seu convívio com a família e conseqüentemente as mães assumiam maiores responsabilidades pelos cuidados dos seus filhos (Coley, 2001 cit. por Cia, Williams & Aiello, 2005).

A partir de 1970, com a revolução feminista, a percentagem de mulheres que passam a exercer atividades remuneradas aumenta consideravelmente, melhorando desta forma a condição económica da família, mas transforma os papéis atribuídos ao género, tanto no ambiente profissional quanto no ambiente familiar (Engle & Breaux, 1998; Assmar & Jablonski, 2002 cit. por Cia, Williams & Aiello, 2005).

Nessa época, após vários especialistas terem dado como certa a importância do cuidado materno, dá-se início a um processo de estudo do papel do pai, que até então era visto apenas como uma figura associada a uma contribuição fundamentalmente orientada para a autoridade e para o sustento.

Sendo assim, até então, a estrutura familiar era organizada com o homem a ocupar a posição de maior *status* na família. Com o aumento crescente de poder por parte das mulheres,

reivindicando para si papéis outrora reservados aos homens, deixaram de assumir a totalidade de responsabilidade em relação aos filhos, exigindo um envolvimento paterno direto (Lamb, 1997; Bertolini, 2002 cit. por Cia, Williams & Aiello, 2005).

Face a tais fatores, os pesquisadores sociais passaram a enfatizar a importância de se realizarem pesquisas que envolvessem dimensões como a interação pai-filho.

De acordo com Dessen e Lewis (1998), para entender o papel do pai, é necessário perceber o que se passa no seio da família, tendo em conta as interações e as relações desenvolvidas entre os vários subsistemas e o contexto social em que as famílias se inserem. O pai, segundo estes autores, é apenas um elemento do sistema e os seus papéis precisam de ser investigados de acordo com as interações e as relações desenvolvidas entre as diferentes constelações que compõe a família.

De acordo com Marks e Palkovitz (2004), o papel de pai pode ser desempenhado de várias formas assumindo assim diferentes estatutos: um pai Económico, que cuida da subsistência dos filhos, o pai Social, que a criança identifica como figura do pai e aquele que é Legalmente Identificado como tal. Acrescentam também que um homem pode desempenhar todos estes papéis e que, em várias famílias, na ausência do pai biológico são outros homens que os desempenham. Poderá ser o avô, o tio, o padrinho ou até o irmão mais velho. No entanto, raramente se encontram trabalhos nos quais as atividades paternas e a relação pai-filho são realmente observadas, uma vez que, a maioria das pesquisas sobre o desenvolvimento e bem-estar da criança está focada na díade mãe-criança (Lamb, 1997; Lewis & Dessen, 1999 cit por Dessen & Silva, 2006).

Apesar dos pais terem características universais (Pleck 1987; Lamb 2000), as diferenças entre os mesmos acaba por agrupá-los em vários tipos de pais. Estas diferenças podem ser explicadas entre outros fatores, por aspetos culturais e individuais (Horna & Lupri, 1987 cit. por Palkovitz, 1997).

Marks e Palkovitz (2004) definem quatro *tipos* de pai: o Novo e Envolvido, o Bom-Provedor, o Mau e o pai Livre do Sentimento de Paternidade.

Por *Novo pai e Envolvido*, entende-se aquele que se envolve facilmente com o seu filho e está implicitamente presente em vários aspetos da vida do mesmo, (dimensão afetiva, escolar, cuidados de saúde). De acordo com Rotundo (1985, cit. por Palkovitz, 2004), um bom pai é um participante ativo nos detalhes do dia-a-dia do seu filho. Ele envolve-se de uma forma muito ativa

e expressiva com o seu filho, e desempenha um papel importante no seu desenvolvimento de socialização, que os seus antepassados deixavam ao cuidado das suas esposas.

Quanto ao segundo tipo, o *Bom-Provedor*, os estudos mostram que por norma, são pais de uma classe social mais elevada, que por seu turno, se uniram a esposas também elas favorecidas socialmente e que aportam contributos financeiros consideráveis para a família.

Numa sociedade onde o consumismo exagerado e a necessidade de ter a *última versão* em tecnologia, entretenimento e moda (Dienhart & Daly, 1997; cit. por Palkovitz & Marks, 2002), estes pais estão essencialmente preocupados em fornecer aos seus filhos todas as condições financeiras e estabilidade económica, trabalhando por isso longas horas seguidas, acumulando por vezes vários trabalhos.

Esta preocupação poderá ter um efeito contrário ao envolvimento, no entanto Christiansen e Palkovitz (2001) consideram que estes contributos financeiros não deverão ser encarados desta forma. Devem sim, ser percecionados como mais uma componente do envolvimento, consciencializando o pai da necessidade de fazer uma execução equilibrada de tarefas (pai cuidador e provedor financeiro).

Autores como Seltzer, Schaeffer e Charng (1989 cit. por Palkovitz 2002) acreditam que a contribuição financeira reforça ainda mais a relação pai-filho. Palkovitz (2002) reforça esta premissa, mas sublinha que a preocupação com a questão financeira deverá ser preferencialmente associada ao cuidado com a componente afetiva, evitando deste modo a criação de um fosso na relação pai-filho.

Quando o estatuto social e a condição económica assumem um peso excessivo, deparamo-nos com o *Mau pai*. Este permite que a questão financeira se torne incompatível com as responsabilidades paternas e estas acabam por ser negligenciadas (Hewllet, 1991 cit por Marks & Palkovitz 2004). São estes pais, que algumas vezes se esquecem da sua função social e emocional. Horn (2001 cit. por Marks & Palkovitz 2004) descreve-os como estando fisicamente presentes, mas psicologicamente ausentes.

Os mesmos autores, baseados em Pleck e Pleck (1997), referem que o *Mau pai* sempre foi aquele que desistiu de viver as suas responsabilidades parentais, negligenciando os outros aspetos já referidos, como fundamentais na promoção do envolvimento.

Finalmente, o *pai Livre de Sentimento Paterno*, engloba segundo os estudos, aqueles que efetivamente têm filhos, mas sentem-se livres de qualquer noção do seu papel e

responsabilidade. Referem também, de acordo com Griswold (1983), a necessidade de muitos homens aparentarem querer uma vida adulta mas simultaneamente sem as responsabilidades da paternidade. Estes pais são definidos como homens que encaram o casamento e a paternidade como gratificação pessoal. Marsiglio (1998, cit. por Marks & Palkovitz 2004) aponta outras situações salientando o facto muitos homens se tornarem pais contra o seu desejo e não assumirem as suas obrigações.

Acreditam que este novo estilo de paternidade pode, por um lado, ser um «motor» para a orfandade paterna, mas por outro, poderá ser também o precedente para se desencadear o tipo do «novo pai envolvido» a partir do momento em que o pai toma consciência do seu verdadeiro papel.

3.2. A especificidade do envolvimento paterno num TEIP

Como já referido, a emergência dos TEIP, relaciona-se com a necessidade de repensar os fenómenos de “exclusão social” e de “exclusão escolar” uma vez que estes estão inseridos em bairros problemáticos, caracterizados pela existência de famílias com baixo nível económico, que poderá contribuir para gerar um ambiente desfavorável ao desenvolvimento da criança.

A literatura e a investigação sobre famílias multiproblemáticas pobres têm enfatizado os défices, a descrição dos problemas e os modos de disfuncionamento familiar. Tal decorre, por um lado, da perspetiva deficitária da intervenção junto destas famílias e, por outro, da dificuldade em valorizar as competências dos que vivem conjunturas de elevada vulnerabilidade.

No respeitante ao envolvimento do pai, neste tipo de famílias, apesar da escassez de estudos, vários são os indícios que mostram que uma condição social económica baixa, associada a níveis educacionais e culturais também baixos promovem uma «orfandade» de pai caracterizada pela sua ausência.

O Child Trends (2002 cit. por Nelson, 2004), aponta o estatuto social como determinante no envolvimento do pai. Crianças de nível económico mais baixo, passam menos tempo com os seus pais, comparativamente às de nível social mais elevado, além disso, o baixo estatuto económico potencia comportamentos agressivos por parte dos pais para com as mães e para com as crianças (Elder, 2002 cit. por Nelson 2004), prejudicando obviamente o referido envolvimento e os envolvidos.

O mesmo autor lembra ainda os estudos de Harris e Marmer (1996), como prova de que a pobreza reduz o nível de envolvimento emocional do pai.

Ainda relativamente ao estatuto social, certas pesquisas revelam que os homens oriundos de meio social mais baixo são pais mais cedo e normalmente fora do casamento. A gravidez normalmente não é desejada e a maioria dos jovens tentam fugir às suas responsabilidades de pai.

De todas as formas, a paternidade e o envolvimento paterno, mesmo vistos em contextos sociais desfavorecidos acabam por revelar *faces* diferentes. Se por um lado a expectativa não é grande, noutros há, em que a hipótese de ser pai é sinónimo de ter um motivo pelo qual o homem pode seguir em frente e ter um objetivo pelo qual *lutar*. É uma forma do pai evitar os mesmos erros que sofreu no passado enquanto filho (Nelson 2004). São estes pais, de acordo com o mesmo autor, que normalmente reforçam a ideia de envolvimento associada à questão financeira, em detrimento do envolvimento ligado à dimensão emocional e aos cuidados essenciais (já verificado em muitos pais de classe média-alta).

Relativamente à escola, os pais exercem de facto um papel fundamental no desempenho académico dos filhos, ajudando-os na organização do seu tempo de estudo e dando-lhes incentivo (Vallejo-Nágera, 1997 cit. por Cia, D'Affonseca & Barham, 2004).

De acordo com Cia, D'Affonseca, Barham e Mazo (2004), o envolvimento paterno afeta a dedicação dos filhos aos estudos e este tem claramente um enorme impacto no sucesso académico dos mesmos. As autoras defendem ainda e de acordo com Vizzotto (1988), que os filhos apoiados pelos seus pais na resolução das tarefas académicas e no ultrapassar das dificuldades de aprendizagem, sentem-se mais motivados para irem à escola, estudam mais frequentemente e mostram melhor aproveitamento académico. Além disso, fornecer estímulos culturais e de lazer para os filhos também contribui para o desenvolvimento dos mesmos.

Nos seus estudos, as mesmas autoras citam Engle e Breaux (1998) que afirmaram que o envolvimento do pai contribui para melhor desenvolvimento intelectual do filho, e por consequência, para melhor adaptação e desempenho deste na escola. Da mesma forma referem que de acordo com Coley (1998) crianças com uma maior envolvimento com o pai tiveram menos problemas de comportamento na sala de aula e melhor desempenho académico do que as de pouco envolvimento paterno. Ainda relativamente ao comportamento, Amato e Fowler (2002) concluíram que o contacto frequente com o pai diminui comportamentos desajustados.

3.3. Formas de envolvimento paterno - O modelo tripartido de envolvimento: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade

Nas últimas décadas vários estudos foram feitos para determinar o envolvimento do pai, tentando ultrapassar a noção de que este envolvimento se baseava essencialmente no suporte financeiro dado à família.

Os pais podem envolver-se com os filhos sob as mais diferentes formas. Para estudar o referido envolvimento, de acordo com Lima (2009), autores como Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987) propuseram o modelo tripartido de envolvimento paterno: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade.

A primeira diz respeito à interação direta pai-criança em atividades como o jogo e a alimentação. Na Acessibilidade, o pai pode ou não envolver-se diretamente na interação, mas continua disponível (física e psicologicamente) para a criança. Na Responsabilidade, o pai responsabiliza-se pelo bem-estar e segurança da criança (por exemplo, cuidar da segurança do filho ou saber quando este necessita ir ao pediatra).

Lamb (2000 cit. por Nelson 2004) também defende uma tipologia tridimensional de envolvimento: Interação (engagement), Acessibilidade e Responsabilidade. No primeiro caso, de acordo com o primeiro autor, podem ser entendidas as atividades relacionadas com a ajuda nas tarefas escolares. Por Acessibilidade, entendem-se as atividades de disponibilidade física e acompanhamento e finalmente, a Responsabilidade passa por aquelas tarefas mais complexas, como saúde, segurança.

Lima (2009) apresenta ainda, e citando trabalhos de McBride e Mills (1993) e McBride e Rane (1998), no respeitante à forma de envolvimento Interação, quatro tipos de interação diádica: Jogo, Funcional, Paralelo e Transição.

No respeitante ao Jogo, verifica-se um envolvimento por parte do pai e da criança numa atividade centrada na segunda e esta, é realizada por prazer e diversão. Na Funcional, a atividade desempenhada pelo pai, tem o intuito de ajudar a criança (no caso desta não a conseguir desempenhar sozinha) ou prestar-lhe cuidados.

Por oposição à primeira, no Paralelo, a atividade está centrada no adulto, ou embora envolvidos na mesma atividade, o pai não está a prestar total atenção porque poderá estar a realizar outra tarefa, ou embora ocupando um espaço físico próximo, realizam atividades

diferentes. Finalmente na Transição, o pai apenas ajuda a criança a passar de uma atividade para outra e a criança prossegue-a sozinha.

3.4. Fatores de envolvimento paterno

De acordo com a literatura são múltiplos os fatores associados ao envolvimento paterno. Nesta secção vamos apenas abordar os fatores relativos às variáveis que dizem diretamente respeito à parte empírica deste trabalho (fazemos também referência à variável idade da criança tendo em conta que foi atendida aquando da definição da amostra).

3.4.1. O envolvimento paterno e o sexo da criança

Os estudos mostram que os pais se envolvem mais com os filhos do que com as filhas (Pleck, 1997; Cabrera, 2000; Lamb, 2000).

Dubeau e Moss (1998, cit. por Lima, 2009) defendem que os pais revelam mais responsabilidades e expressam com mais frequência comportamentos afetivos e verbalizações para com os filhos em comparação com as filhas, e empregam mais tempo com um rapaz.

Lindsey e Mize (2001, cit. por Lamb, 2000) avaliaram as interações pai-filho em sessões de "jogo físico" e constataram que as mães envolveram-se mais na brincadeira com as suas filhas, enquanto o pai o fazia com os filhos, principalmente no que respeita a atividades de jogo físico.

Este comportamento parece também ser mais evidente à medida que as crianças vão crescendo (Pleck, 1997; Lamb, 2000).

Vários estudos mostram também que, em situação de divórcio, os pais mantêm um contacto mais frequente com os filhos do que com as filhas (Amato & Keith, 1991, cit. por Lima, 2009).

Camus (2003) defende ainda que a *rigidez* do pai, aumenta à medida que as crianças crescem, da mesma forma que se mostram mais intervenientes com os rapazes do que com as raparigas.

Essas diferenças são também mais evidentes nos pais do que nas mães no seu envolvimento com rapazes e raparigas. No entanto, de acordo com Pleck e Masciadrelli (2004), atualmente, o género exerce menor influência sobre o envolvimento paterno, do que em décadas passadas.

3.4.2. O envolvimento paterno e a idade da criança

Além do sexo da criança, abordado no ponto anterior, também a idade da mesma acaba por influenciar e diferenciar o envolvimento do pai. Apesar desta variável não ter sido incluída neste estudo, consideramos oportuno fazer uma breve reflexão sobre a mesma, já que várias investigações, apontam um envolvimento maior por parte do pai à medida que a criança vai crescendo.

Black, Dubowitz e Starr (1999, cit. por Cia, D’Affonseca & Barham, 2004), defendem que os pais se envolvem mais nas atividades diárias das crianças em idade escolar, em comparação com crianças mais novas. Provavelmente devido ao facto das primeiras não exigirem cuidados tão intensivos e específicos, deixados normalmente a cargo das mães (Deutsch, Lussier, & Servis, 1993, cit. por Wood, Repetti, 2004). Deste modo, os pais envolvem-se menos nas atividades que impliquem o cuidar dos filhos, envolvendo-se mais, nas de realização e atividades sociais com as crianças mais velhas. Por norma a interação dos pais com as crianças mais novas, é de cariz mais lúdico, de jogo ou de interação social. As de prestação de cuidados, como o mudar a fralda ou dar o banho, são deixadas a cargo da mãe.

O envolvimento do pai com a criança parece aumentar a partir do segundo ano de vida do filho. Esta evidência, pode estar associada a um melhor conhecimento por parte de pais e filhos (Dubeau & Moss, 1998 cit. por Lima, 2001). Também Allen e Daly (2007), defendem que um maior envolvimento por parte do pai à medida que a criança se vai tornando mais velha.

Estudos com famílias portuguesas (Torres, 2004 cit. por Monteiro, Veríssimo & Santos, 2010) indicam que, mesmo quando as mulheres trabalham são elas quem continuam a assegurar o essencial dos cuidados físicos (práticas) às crianças, sendo a divisão destas tarefas, ainda, baseada no género. Um padrão distinto surge nas atividades de brincadeira/lazer (lúdicas), onde a participação dos pais é mais expressiva ou mesmo partilhada.

3.4.3. O envolvimento paterno e as habilitações académicas do pai

Diversas variáveis sociodemográficas têm sido empiricamente relacionadas com o envolvimento do pai, algumas já referidas em secções anteriores. Neste ponto, vamos focar-nos na escolaridade do pai.

Vários estudos mostram que as habilitações académicas dos pais encontram-se positiva e significativamente correlacionadas com a sua participação nas atividades de brincadeira/ lazer dos filhos. Estas são vistas, cultural e socialmente, como mais características do comportamento paterno, sendo este o contexto em que os pais, eventualmente, se sentem mais à vontade para estarem próximos e dar suporte afetivo, bem como, estimularem as aprendizagens cognitivas e sociais dos seus filhos. (Fletcher & Silberberg, 2006)

Parece claro, que quanto maior for a habilitação académica do pai, maior é a sua participação nas atividades de brincadeira/lazer da criança (Monteiro, Veríssimo, Santos, et. al., 2008).

Um estudo realizado em Itália revela que a relação com os filhos não é apenas aceite, mas também exigida por pais mais jovens, que habitam em meio urbano e que têm um alto nível de instrução. Deste modo, a manifestação da afetividade e o envolvimento em algumas atividades de cuidados relativamente aos filhos, já não são vistos como inadequados, quando não *temíveis* para o papel paterno – masculino.

É de salientar a importância de algumas modificações quer na cultura dos especialistas, prática de serviços, como também algumas legislações nacionais que indicam, e ao mesmo tempo encorajam, esta possível transformação (Saraceno & Naldini, 2003, cit . por Ferreira, Leal & Maroco, 2010).

Também no respeitante ao envolvimento escolar dos filhos, autores como Hill e Taylor (2004, cit. por Oyserman, Brickman & Rhodes, 2007) apontam que este pode estar associado ao nível de escolaridade dos pais. Deste modo, pais escolarizados acabam por se envolver mais na vida académica dos filhos, nas aprendizagens e no seu sucesso académico e bem-estar na escola que frequentam.

Oyserman, Brickman e Rhodes (2007) referem ainda um estudo, onde se relaciona o menor envolvimento de pais menos escolarizados com os seus níveis de confiança mais baixos nas suas capacidades, assumindo por isso, uma atitude mais passiva em relação à escola.

Esta menor confiança por parte dos pais relaciona-se também com uma menor comunicação autónoma destes com a escola. Por estes motivos, acabam por se envolver maioritariamente perante situações problemáticas, relacionadas normalmente com comportamentos.

3.4.4. O envolvimento paterno e o envolvimento materno

A maioria das pesquisas sobre o desenvolvimento e bem-estar da criança está focada na díade mãe-criança (Dessen & Silva, 2000), pelo que paralelamente ao envolvimento do pai temos que ter em conta o próprio envolvimento da mãe. Esta tem um papel determinante, já que se por um lado, pode propiciar oportunidades e apoiar o envolvimento do pai com os filhos, por outro lado, pode inibir e desvalorizar esse mesmo envolvimento. Exerce por isso muitas vezes um papel de *regulação* em relação ao envolvimento paterno (Lima, 2009).

É por esse motivo, que paralelamente ao estudo das formas de envolvimento do pai são também consideradas as formas de envolvimento da mãe. Este facto prende-se por um lado, com a necessidade de analisar de que forma o envolvimento materno está intimamente ligado ao próprio envolvimento paterno e por outro, de que modo o influencia ou condiciona. Pretende-se também perceber se há elementos específicos e caracterizadores nessas formas de envolvimento do pai ou da mãe.

Já vimos que com o crescente de poder por parte das mulheres, que exigem para si papéis outrora reservados aos homens, exigem um envolvimento paterno direto (Lamb, 1997), no entanto são estas as que mais se envolvem na educação dos filhos (Fletcher & Silberberg, 2006).

O pai, se por um lado está mais envolvido em funções laborais, para assegurar o sustento económico da família, por outro lado também não é tão pressionado a desempenhar o papel de cuidador, ao contrário da mãe, que por questões culturais sente essa pressão de forma mais clara.

Os mesmos autores consideram ainda que a participação dos pais na alfabetização tem sido considerada particularmente importante, no entanto são as mães quem mais se envolvem na educação dos filhos. Acrescentam também que são maioritariamente atribuídas aos pais, funções que assegurem a segurança e bem-estar dos seus filhos, o proporcionar de atividades ao ar livre, nomeadamente desporto.

1. Apresentação e metodologia da investigação

Com esta secção pretende-se proceder à apresentação do estudo empírico cujo objetivo principal é o de contribuir para a compreensão das formas de envolvimento paterno com crianças que frequentam uma escola do primeiro ciclo num Contexto Educativo TEIP.

1.1. Objetivo

Tendo em conta o objetivo geral deste estudo vamos analisar as formas de envolvimento privilegiadas entre pais e filhos no contexto em questão e testar o efeito de variáveis relativas à criança, ao pai e à mãe nas referidas formas de envolvimento paterno.

No que diz respeito à mãe pretendemos analisar, por um lado, de que forma o envolvimento materno se relaciona com o próprio envolvimento paterno (nomeadamente no que à Responsabilidade diz respeito) e por outro, pretende-se perceber se há elementos específicos e caracterizadores nessas formas de envolvimento.

Serão também tidas em conta as variáveis sociodemográficas relativas ao sexo da criança e à escolaridade do pai.

Para o efeito, será utilizado o modelo tripartido de envolvimento paterno proposto por Lamb et. al. (1987) operacionalizado nas três dimensões de envolvimento: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade.

Para um melhor entendimento das duas primeiras formas de envolvimento - Interação e Acessibilidade - fez-se a diferenciação do tempo de envolvimento em função do período da semana, comparando-o em dias correspondentes à semana ou ao fim de semana.

Tendo em conta o que foi referido definimos um conjunto de questões de investigação apresentadas no ponto seguinte.

2. Questões de investigação

As questões de investigação abaixo formuladas foram definidas com base na revisão da literatura efetuada e na prossecução dos objetivos deste trabalho.

Questão de investigação 1. Como se caracterizam as formas de envolvimento do pai – Interação, Acessibilidade e Responsabilidade – em função do período da semana?

Questão de investigação 2. Em que medida as formas de envolvimento paterno variam em função do sexo da criança?

Questão de investigação 3. Em que medida as formas de envolvimento paterno variam em função da escolaridade do pai?

Questão de investigação 4. Em que medida a Responsabilidade paterna varia em função da Responsabilidade materna?

3. Método

3.1. Participantes

155 crianças (70 raparigas, 85 rapazes) que frequentam o primeiro ciclo numa escola TEIP, com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos (92% dos participantes entre os 8 e os 10 anos de idade).

Os critérios de inclusão na amostra foram os seguintes: a) crianças com idades compreendidas entre 8 e 13 anos; b) que frequentassem a E.B.1 J.I do Cerco do Porto, inserida num Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP); c) que acedessem a ser entrevistados e respondessem aos instrumentos selecionados para o estudo.

As famílias que constituem a amostra são de estatuto socioeconómico médio baixo, de acordo com as informações obtidas através da ficha de dados sociodemográficos. A larga maioria destes alunos é abrangida pelo SASE.

Os pais apresentam idades compreendidas entre os 26 e os 65 anos. De referir o desconhecimento da idade do pai, por parte de 21 participantes (13,5%).

No que diz respeito à escolaridade dos mesmos, pode-se referir que esta é baixa. A sua maioria apenas frequentou o primeiro ciclo (30,3%). Por oposição, apenas dois dos pais são licenciados, o que corresponde a 1,3%.

3.2. Instrumentos

De forma a aferir as formas de envolvimento respeitantes à Interação e Acessibilidade, fez-se uma entrevista com a criança, utilizando um instrumento designado de Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade – GUIA (Lima, 2009).

Para fazermos a avaliação da Responsabilidade socorremo-nos da Escala de Responsabilidade Parental – ERP (Lima, 2009).

Os dados sociodemográficos foram-nos fornecidos através de uma Ficha de dados sociodemográficos.

3.2.1 GUIA - Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade

Com o Guião de Entrevista Interação e Acessibilidade (GUIA), pretendia-se através de uma entrevista individualizada, que o entrevistador procurasse auxiliar a criança a recordar-se das atividades realizadas num dia de semana e no último dia de fim-de-semana, descrevendo com pormenor a sua rotina e referindo ainda quem a acompanhava na realização dessas rotinas.

Este instrumento facilita a recolha das informações relacionadas com as rotinas diárias das crianças da escola em causa e engloba os seguintes descritores: (1) horas a que decorria a atividade; (2) que atividade a criança estava a realizar; (3) se estava a fazer mais alguma coisa no mesmo período de tempo; (4) o local onde decorreu a atividade; (5 a 11) incluem-se as categorias de envolvimento: (5) acessibilidade, (6) interação, (7) jogo; (8) funcional; (9) paralelo; (10) transição; (11) apoio emocional e estimulação¹; (12) se a criança estava sozinha; (13 a 16) quem era acompanhava a criança na atividade; (13) pai; (14) mãe; (15) avós; (16) outro; (17) outra situação. Foi acrescentado ao mesmo, o descritor 11 relativo ao Apoio Emocional e Estimulação, já que se considera que o reforço e encorajamento que o pai dá à criança também podem ser considerados formas de envolvimento.

Este contempla períodos de 10 minutos, resultando assim 144 períodos de tempo por cada rotina diária. Em cada diário é considerado para análise somente o período de vigília dos participantes e o tempo de envolvimento é calculado em minutos. (Lima, 2009).

3.2.2. ERP – Escala de Responsabilidade Parental

Estes instrumento diz respeito a um conjunto de atividades, nas quais os pais de crianças que frequentam o primeiro ciclo do Ensino Básico geralmente se envolvem ou participam e que sejam representativas da *Responsabilidade*. Incluem-se entre outras, atividades relacionadas com cuidados de saúde, alimentação.

¹ Ao contrário do que sucedeu na versão original, aqui foi incluído o descritor 11 relativo ao Apoio Emocional e Estimulação, já que se considera que, por exemplo, o reforço e o encorajamento que o pai dá à criança diz respeito a um tipo específico de interação.

As crianças preenchem o instrumento, assinalando a resposta que consideram mais adequada à sua situação, numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a Nunca e 5 corresponde a Sempre. Especificando com um exemplo: (1) o pai nunca vai às reuniões da escola; (2) o pai raramente vai às reuniões da escola; (3) o pai vai algumas vezes às reuniões da escola; (4) o pai vai muitas vezes às reuniões da escola; (5) o pai vai sempre às reuniões da escola.

Nesta mesma escala, as mesmas atitudes e atividades são igualmente associadas à mãe, de forma a perceber o modo como as formas de envolvimento paterno variam em função das formas de envolvimento materno, como já referido na Questão de Investigação 4.

Com base nos trabalhos de Lima (2009) obteve-se um instrumento com o total de 27 itens. Este conjunto de itens dizem respeito a diferentes dimensões relativas à assunção de responsabilidades parentais e pretendem enquadrar a pesquisa teórica efetuada neste domínio. Com este instrumento foram definidas quatro componentes: (1) Cuidados e Interesse; (2) Apoio Emocional e Estimulação; (3) Escola; (4) Autoridade e Disciplina.

No respeitante ao componente CI, relaciona-se com a tomada de responsabilidades implicando o interesse pelos cuidados, atividades e quotidiano da criança (por exemplo, “O teu pai mostra interesse pelo teu dia-a-dia?”); AEE recai sobre o assumir da responsabilidade do pai pelo bem-estar emocional e estimulação do filho (por exemplo, “O teu pai conversa contigo quando estás preocupado ou triste?”); Esc. reflete as formas que relacionam o envolvimento paterno nas atividades escolares (por exemplo, “O teu pai vai às reuniões da tua escola?”); AD refere-se à responsabilidade relacionada com aspetos relativos à autoridade, supervisão e disciplina da criança (por exemplo, “O teu pai manda lá em casa?”).

Este instrumento foi “testado” ao longo dos trabalhos do autor supra citado e mostrou-se bastante adequado. Foram confirmados os valores de variância explicada e de consistência interna da escala total e de cada uma das subescalas.

No quadro 1 fazemos referência a ambas. Esta estrutura será considerada na apresentação e análise de resultados referente a esta variável.

Quadro 1- valores de variância explicada e valores de consistência interna para os 4 fatores e escala total

	AEE	CI	Esc.	AD	TOTAL
Variância explicada	16.62%	16.49%	9.49%	8.14%	50,74%
α de Cronbach	.87	.86	.65	.55	.91

Nota: AEE = Apoio Emocional e Estimulação; CI = Cuidados e Interesse; Esc. = Escola; AD = Autoridade e Disciplina.

3.2.3. Ficha de dados sociodemográficos

Este instrumento foi utilizado, de forma a facilitar a obtenção de dados sobre a idade e ano de escolaridade dos participantes, bem como sobre o seu agregado familiar, as habilitações académicas dos progenitores e respetiva profissão e a área de residência. Esta ficha foi também útil, na medida em que nos forneceu informações sobre os apoios sociais escolares a que os alunos tinham direito (ASE).

3.3. Procedimento

Após seleção da escola, foram contactados os órgãos de gestão da mesma, as professoras e encarregados de educação das crianças participantes. Foi explicado o objetivo do estudo e entregue o consentimento informado. De referir que o facto de desempenhar funções docentes na escola em causa, foi determinante na escolha da instituição. Os procedimentos iniciais neste tipo de estudo foram facilitados por esse facto.

Numa fase posterior, os instrumentos foram aplicados individualmente (GUIA e ficha de dados sociodemográficos) ou em pequenos grupos de 10 alunos (ERP). Estes pontos serão melhor explorados nos pontos seguintes.

3.3.1. GUIA

Por norma este instrumento foi aplicado às quintas-feiras (para aferir informação relativa à quarta-feira) ou às segundas-feiras (para aferir informação relativa ao Domingo). Sempre que não fosse possível por indisponibilidade das crianças e do entrevistador, tentava-se que a mesma fosse aplicada num dia não muito afastado do fim-de-semana, de forma, a que as crianças se recordassem facilmente das suas rotinas.

Esta estratégia prende-se com o facto dos entrevistados, terem referido nas sessões de reflexão falada, a dificuldade que revelavam no recordar das suas rotinas diárias.

Estas entrevistas, com duração média de vinte minutos, foram realizadas na biblioteca da E.B.1, dado ao conforto e privacidade. Em qualquer das situações a entrevista era particular e portanto realizada apenas com a presença da criança e do entrevistador.

3.3.2. ERP

Num primeiro momento, as crianças participantes eram reunidas em pequenos grupos de alunos (o máximo 10 e todos da mesma turma) e após explicação do objetivo do estudo e de se dar novamente garantias de anonimato e confidencialidade, era lida individualmente cada uma das questões presentes na *ERP*. No final de cada leitura era dado um tempo para os alunos assinalarem a resposta que eles consideravam válida. Só quando todos tivessem terminado é que se avançava para a questão seguinte. De acrescentar que os exemplos dados em algumas das questões, esclareceu dúvidas de alguns dos presentes (questões 4, 6, 11, 21, 23, 25).

3.3.3. *Ficha de dados sociodemográficos*

Por norma este instrumento foi aplicado individualmente, também na biblioteca da E.B.1, dado ao conforto e privacidade. Esta recolha de dados, foi normalmente realizada antes de se dar início ao primeiro momento de recolha de informações relativas às suas rotinas (GUIA).

Esta estratégia prende-se com o facto se tentar estabelecer com as crianças uma conversa mais informal, de forma a promover nas mesmas uma maior descontração.

1. Introdução

Na apresentação dos resultados da presente investigação procuramos desenvolver uma estrutura de análise que permita responder às Questões de Investigação que formulamos anteriormente.

Começamos pela caracterização das Formas de Envolvimento Paterno, considerando as três dimensões já referidas: Acessibilidade, Interação e Responsabilidade. Relativamente à forma de envolvimento Interação procuramos ainda caracterizar os diferentes momentos de interação diádica avaliados neste estudo. Nestas análises (à exceção da Responsabilidade) atendemos também ao Período da Semana (semana vs. fim de semana) das referidas formas e tipos de envolvimento.

De seguida testamos o efeito moderador de fatores sociodemográficos relativos à criança e ao pai. Neste ponto, indagamos os efeitos do sexo da criança e das habilitações académicas do pai.

No respeitante à Responsabilidade, incluímos a mãe e exploramos a forma como o seu envolvimento se relaciona com o envolvimento paterno, condicionando-o ou influenciando-o, incidindo sobre elementos específicos e caracterizadores nesta forma de envolvimento.

2. Caracterização das formas de envolvimento paterno em função do período da semana

Questão de investigação 1. Como se caracterizam as formas de envolvimento paterno - Interação, Acessibilidade e Responsabilidade - em função do período da semana?

2.1. Formas de envolvimento Acessibilidade e Interação

Começamos por efetuar uma ANOVA de medidas repetidas entrando como fatores intrasujeitos o Período da Semana (Semana vs. Fim de semana) e duas das Formas de Envolvimento (Interação e Acessibilidade). Os valores considerados são relativos ao tempo despendido pelo pai em minutos. A análise revelou vários efeitos significativos. O efeito significativo de Período da semana, $F(1, 154) = 58.31, p < .001, \eta^2 = .28$, como se pode constatar no quadro 2, indica que independentemente da forma de envolvimento, o pai está mais acessível

e em Interação com a criança ao fim de semana $M = 146.41$ minutos, $DP = 169.69$, do que durante a semana, $M = 59.45$ minutos, $DP = 77.65$. O efeito de Formas de Envolvimento $F(1,154) = 170.08$, $p < .001$, $\eta^2 = .53$ revela que o pai despende mais tempo em Interação $M = 172.96$ minutos, $DP = 179.15$ do que em Acessibilidade, $M = 32.9$ minutos, $DP = 68.18$. Finalmente, como se observa no quadro abaixo, o efeito de Período da semana x Formas de Envolvimento $F(1,154) = 65.10$, $p < .001$, $\eta^2 = .30$, mostra que o pai interage mais e está mais acessível, quer à semana, quer ao fim de semana. A Interação relaciona-se com o facto da magnitude da diferença entre os dois períodos ser mais elevada no caso da Interação.

Quadro 2 - Tempo (em minutos) despendido pelo pai nas formas de envolvimento acessibilidade e Interação – e tipos de Interação – em função do período da semana

	Semana		Fim-de-Semana	
	M	(DP)	M	(DP)
Acessibilidade	20.5	(43.40)	45.35	(92.96)
Interação	98.45	(111.89)	247.47	(246.41)
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>				
Jogo	2.90	(15.28)	12.32	(40.43)
Funcional	0.26	(3.21)	1.63	(15.06)
Paralelo	60.71	(89.66)	182.96	(202.19)
Transição	11.93	(21.47)	9.22	(22.23)
AEE	2.07	(12.82)	0.58	(5.39)

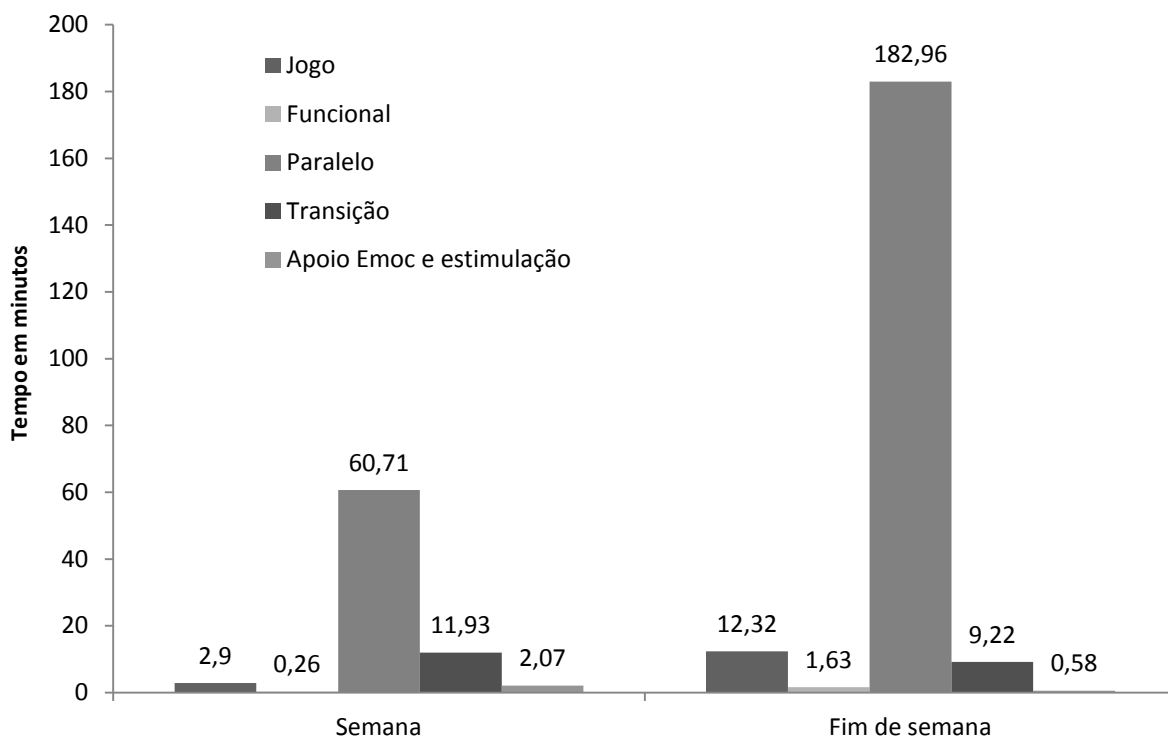
2.1.1. Tipos de interação

Para analisarmos em que medida o tipo de Interação entre o pai e a criança varia em função do período da semana efetuamos uma ANOVA de medidas repetidas entrando como fatores intrasujeitos os cinco tipos de interação (Jogo vs. Funcional vs. Paralelo vs. Transição vs. Apoio Emocional e Estimulação) e o Período da Semana (Semana vs. Fim-de-Semana). A análise revelou efeitos significativos de Período de Semana, $F(1,151) = 66.48$, $p < .001$, $\eta^2 = .31$, de Tipo de Interação $F(4,148) = 129.39$, $p < .001$, $\eta^2 = .46$; e de Período da Semana x Tipo de Interação $F(4,148) = 54.48$, $p < .001$, $\eta^2 = .27$.

O efeito de Período da semana é consistente com o reportado acima. O padrão de médias dos cinco tipos de Interação revela que os pais despendem mais tempo em atividades de tipo Paralelo $M = 121.81$, $DP = 145.93$ (comparação com os restantes, menor $t_{154} = 11.41$, $p < .001$), seguindo-se com tempo equivalente Transição $M = 10.72$, $DP = 21.85$ e Jogo $M = 7.53$, $DP = 27.86$

($t_{154} = 1.37$, *ns*); por fim também com tempo equivalente despendido em Apoio Emocional e Estimulação $M = 1.35$, $DP = 9.11$ e Funcional $M = .95$, $DP = 9.14$ (comparação com os restantes $t_{153} = 3.25$ $p = .001$; comparação entre estes dois tipos de Interação $t_{151} = .43$, *ns*).

Figura 1 - Tempo médio despendido pelo pai em função do tipo de Interação e do período da semana



Relativamente aos Tipos de Interação em função do Período da Semana obtemos as médias e desvios-padrão descritos no quadro 2 e ilustrados na figura 1.

O pai interage mais em Paralelo $M = 60.71$ (comparação com os restantes, menor $t_{154} = 6.76$ $p < .001$). De seguida encontramos Transição (menor $t_{154} = 4.58$ $p = .001$). Depois Jogo, $M = 2.9$, (comparação com os outros tipos de Interação, menor $t_{154} = 2.10$ $p < .05$), Apoio Emocional e Estimulação $M = 2.07$ e, por fim, Funcional $M = 0.26$ (comparação entre estes últimos $t_{154} = .42$, *ns*).

Ao fim de semana o padrão de médias é um pouco diferente do da semana. O pai continua a interagir mais em Paralelo $M = 182.96$ (comparação com os demais, menor $t_{152} = 10.93$ $p < .001$). Segue-se de forma equivalente Jogo, $M = 12.32$ e Transição $M = 9.22$ (comparação com os demais, menor $t_{152} = 2.97$ $p = .004$; entre eles $t_{154} = .84$, *ns*).

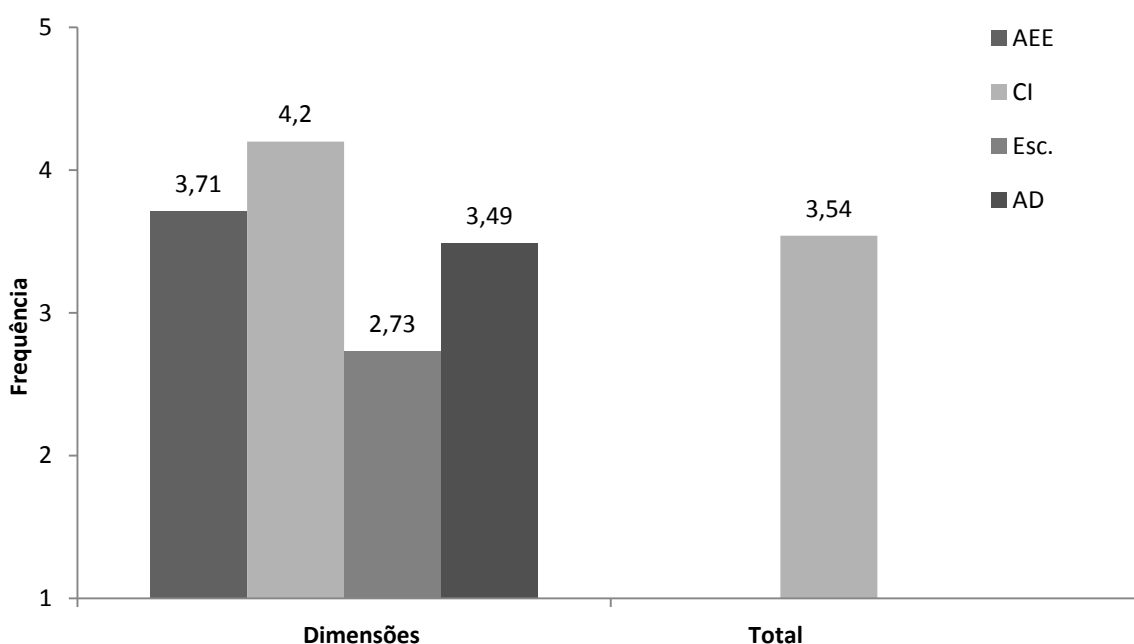
Finalmente Funcional $M = 1.63$ e Apoio Emocional e Estimulação $M = 0.58$ (menor t com os restantes $t_{152} = 3.50, p = .001$; entre eles $t_{151} = .81, ns$).

2.2. Forma de Envolvimento Responsabilidade

Relativamente à forma de envolvimento Responsabilidade começamos por analisar em que medida o pai assume um conjunto de tarefas e responsabilidades para e com a criança. Ao considerarmos a totalidade da escala verificamos que, em média, o pai assume mais do que “algumas vezes” essas responsabilidades, $M = 3.54, DP = 1.04$ (ponto médio da escala = 3, $t_{151} = 6.36, p < .001$; e menos do que “muitas vezes” = 4, $t_{152} = 5.49 p < .001$).

Para analisarmos o padrão de envolvimento do pai através dos quatro fatores da Escala de Responsabilidade Paterna utilizamos uma ANOVA de medidas repetidas. Esta análise revelou diferenças significativas entre as 4 dimensões de responsabilidade do pai, $F(3, 453) = 112.60, p < .001, \eta^2 = .43$. O padrão de médias revela que o pai assume mais responsabilidade na dimensão Cuidados e Interesse (CI), $M = 4.20, DP = 1.16$; seguida de Apoio Emocional e Estimulação, $M = 3.72, DP = 1.09$; Autoridade e Disciplina, $M = 3.5 DP = 1.18$; e finalmente Escola $M = 2.73, DP = 1.38$. Na comparação entre as médias consta-se que todas diferem significativamente, menor $t_{152} = 3.43, p = .001$. Na figura 2 podemos visualizar esta distribuição.

Figura 2 - Assunção de responsabilidade paterna Total e através das quatro dimensões da ERP - AEE, CI, Esc. e AD.



Com base nas médias obtidas podemos afirmar que as crianças consideram que o pai assume mais do que “muitas vezes” (=4) responsabilidades na dimensão CI ($t_{154} = 18.61, p < .001$). Na dimensão AEE e AD, assume responsabilidades mais do que “algumas vezes” (=3), $t_{153} = 8.14, p < .001$ e $t_{154} = 29.11, p < .001$.

Em relação à Esc. as crianças consideram que o pai mais do que “raramente” (=2) é responsável pelas tarefas da referida dimensão, $t_{155} = 18.79, p < .001$.

Em todas as análises verificou-se também a diferença significativa relativamente ao ponto imediatamente a seguir na escala (por exemplo na dimensão CI constata-se que difere também significativamente de “sempre”, $t_{154} = 7.99, p < .001$).

3. Caracterização das formas de envolvimento paterno em função do sexo da criança.

Questão de Investigação 2. Em que medida as formas de envolvimento variam em função do sexo da criança?

3.1. Formas de Envolvimento Acessibilidade e Interação

Para responder a esta questão começamos por uma ANOVA de medidas repetidas entrando Período da Semana (semana vs. fim de semana) e as formas de envolvimento (Acessibilidade e Interação) como fatores intrasujeitos, cruzadas com a variável Sexo da criança (2x2x2).

Esta análise revelou efeitos de Período da Semana, $F(1, 153) = 169.35, p < .001, \eta^2 = .53$, de Formas de Envolvimento $F(1, 153) = 58.54, p < .001, \eta^2 = .28$, e de Período da Semana x Formas de Envolvimento $F(1, 153) = 67.29, p < .001, \eta^2 = .31$. Os restantes efeitos com a variável Sexo não são significativos (maior efeito restante, $F(1, 153) = 2.17, ns$).

Os efeitos relativos a Período da Semana e a Formas de Envolvimento foram já reportados na questão de investigação anterior. Quanto à variável Sexo, neste estudo, constata-se que nem a Acessibilidade, nem a Interação, variam pelo facto do pai estar a envolver-se com um filho ou uma filha.

Quadro 3: Tempo de acessibilidade e Interação e (em minutos) em função de período da semana e sexo da criança

		Semana		Fim-de-Semana	
		Masculino (n=85)	Feminino (n=70)	Masculino (n=85)	Feminino (n=70)
Acessibilidade	M (DP)	26.24 (49.04)	13.43 (34.43)	54.47 (100.18)	34.28 (82.74)
Interação	M (DP)	108.47 (119.73)	86.29 (101.08)	240.34 (221.72)	256.14 (274.82)

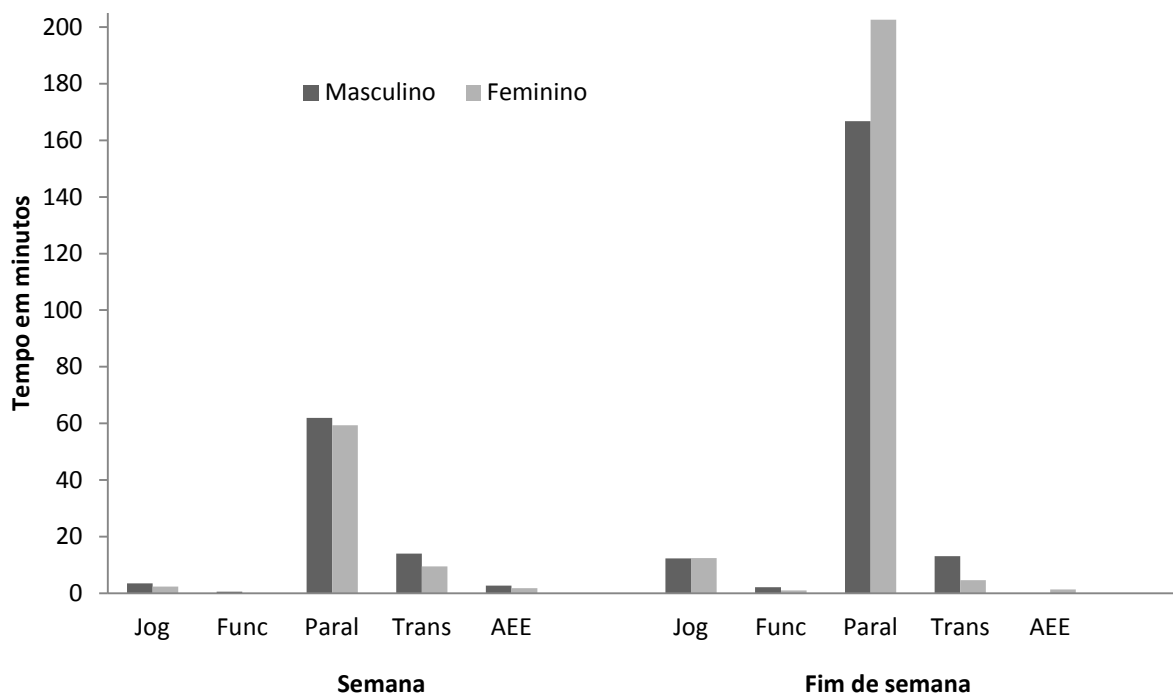
3.1.1. Tipos de Interação

Face aos resultados da ANOVA anteriormente apresentada (envolvendo a forma de envolvimento Interação x Sexo da Criança) não faria sentido apresentar as análises relativas aos Tipos de Interação em função do Sexo da Criança. Contudo, para facilitar uma leitura dos resultados relativos às referidas variáveis apresentamos no quadro 4 as respetivas médias e desvios padrão. Na figura 3 ilustramos a distribuição.

Quadro 4 - Tipos de Interação (em minutos) em função de período da semana e sexo da criança

		Semana		Fim-de-Semana	
		Masculino (n=85)	Feminino (n=70)	Masculino (n=85)	Feminino (n=70)
Jogo	M	3.41	2.28	12.23	12.42
	(DP)	(18.61)	(9.95)	(35.84)	(45.66)
Funcional	M	0.47	0.00	2.14	1.01
	(DP)	(4.33)	(0.00)	(19.63)	(5.97)
Paralelo	M	61.88	59.28	166.81	202.57
	(DP)	(93.56)	(85.35)	(176.58)	(229.30)
Transição	M	14.00	9.43	13.06	4.57
	(DP)	(24.60)	(16.76)	(27.39)	(12.24)
AEE	M	2.70	1.71	0.00	1.28
	(DP)	(14.26)	(11.29)	(0.00)	(2.18)

Figura 3 - Tempo médio despendido pelo pai, à semana e ao fim de semana, em função do tipo de Interação e do sexo da criança



3.2. Forma de envolvimento Responsabilidade

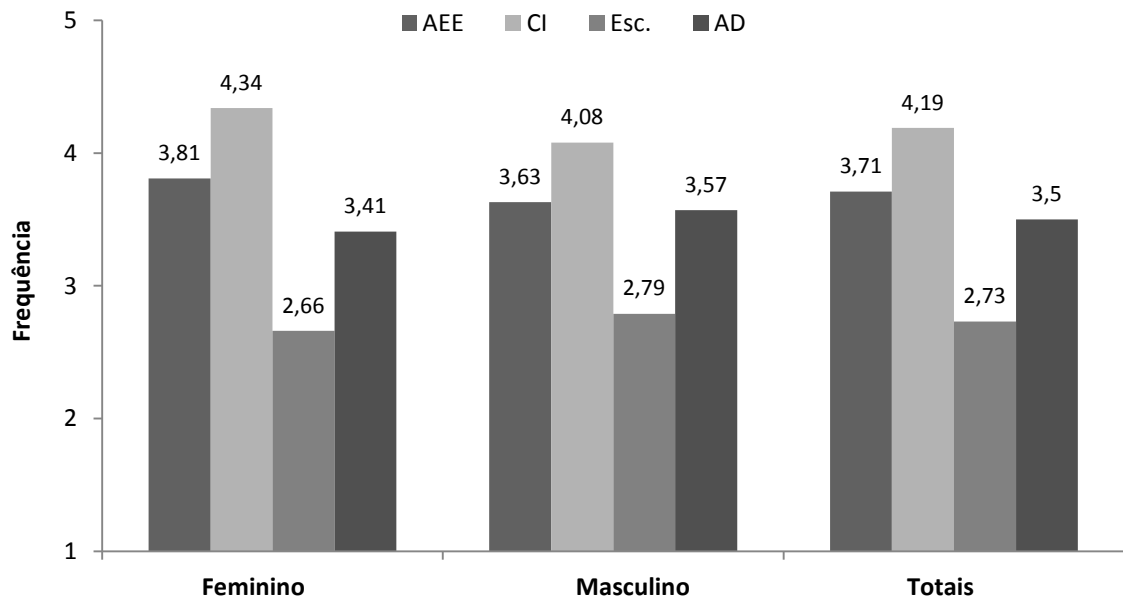
A ANOVA de medidas repetidas entrando como fatores intrasujeitos as 4 dimensões de Responsabilidade (AEE, CI, Esc., AD) e como intersujeitos a variável sexo da criança. Os resultados da análise mostram o efeito de Responsabilidade Paterna, $F(3, 450) = 116.42$ $p < .001$, $\eta^2 = .44$ que foi acima descrito. Relativamente à variável Sexo x Responsabilidade verifica-se um efeito significativo, $F(3, 450) = 3.43$ $p = .017$, $\eta^2 = .02$.

Quando comparamos o padrão de médias entre os quatro fatores de ERP tendo em conta o sexo da crianças verificamos que nos rapazes os fatores CI e AEE não diferem significativamente ($t_{69} = .09$, ns), enquanto todas as outras dimensões diferem entre si, nos rapazes e nas raparigas (menor $t_{69} = .38$, $p = .001$). Contudo, para complementar uma leitura dos resultados relativos às referidas variáveis apresentamos no quadro 5 as respetivas médias e desvios padrão. Na figura 4 ilustramos a distribuição.

Quadro 5 - Padrão de médias da responsabilidade do pai em função do sexo da criança

	Sexo	<i>n</i>	M	DP
ERP-Apoio emocional pai	Feminino	69	3,81	1,02
	Masculino	83	3,63	1,14
	Total	152	3,71	1,09
ERP- Cuidados e Interesse pai	Feminino	69	4,34	1,03
	Masculino	83	4,08	1,24
	Total	152	4,19	1,16
ERP Escola pai	Feminino	69	2,66	1,36
	Masculino	83	2,79	1,40
	Total	152	2,73	1,38
ERP Autoridade e Disciplina pai	Feminino	69	3,41	1,16
	Masculino	83	3,57	1,20
	Total	152	3,50	1,18

Figura 4 - Padrão de médias segundo a ERP por sexo das crianças



4. Caracterização das formas de envolvimento paterno em função das habilitações literárias do pai

Questão de Investigação 3. Em que medida as formas de envolvimento variam em função das habilitações literárias do pai?

4.1. Formas de Envolvimento Acessibilidade e Interação

Para responder a esta questão começamos por uma ANOVA de medidas repetidas entrando Período da Semana (semana vs. Fim de semana) e as formas de envolvimento (Acessibilidade e Interação) como fatores intrasujeitos, cruzadas com a variável habilitações do pai (2x2x2). Esta análise revelou efeitos de Período da Semana, $F(1,153) = 40.22, p < .001, \eta^2 = .24$, de Formas de Envolvimento $F(1, 153) = 123.94, p < .001, \eta^2 = .50$, e de Período da Semana x habilitações do pai $F(1, 153) = 4.99, p < .05, \eta^2 = .03$. assim como, Período da Semana x Formas de Envolvimento x habilitações do pai ($F_{1,153}=4.07, p<.05, \eta^2 = .03$). Os restantes efeitos com a variável habilitações do pai não são significativos (maior efeito restante, $F_{1, 153} = 123.94, ns$).

Os efeitos relativos a Período da Semana e a Formas de Envolvimento foram já reportados na questão de investigação anterior. Quanto à variável habilitações do pai, neste estudo, constata-se que, com base no padrão de médias, os menos escolarizados estão mais acessíveis e em interação à semana e ao fim de semana.

Quadro 6 - Padrão de médias das habilitações literárias do pai em função da interação e do envolvimento com a criança

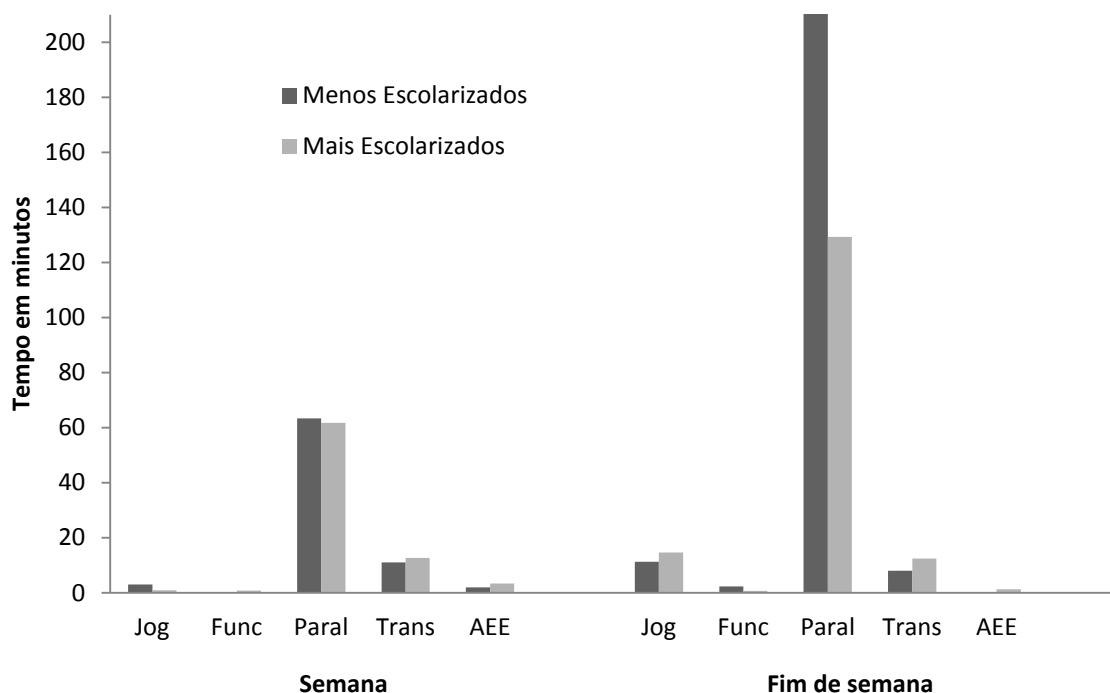
	Habilitação pai	N	M	DP
Semana - Acessibilidade	Menos escolarizados	78	29,10	54,51
	Mais escolarizados	47	13,40	24,25
	Total	125	23,20	46,06
Semana - Interação	Menos escolarizados	78	109,23	122,38
	Mais escolarizados	47	90,42	101,62
	Total	125	102,16	114,95
Fim de semana -Acessibilidade	Menos escolarizados	78	69,61	120,11
	Mais escolarizados	47	28,29	48,74
	Total	125	54,08	101,21
Fim de semana - Interação	Menos escolarizados	78	300,62	265,98
	Mais escolarizados	47	186,59	202,49
	Total	125	257,75	249,44

Verifica-se o efeito de Período da semana x formas de envolvimento x nível de escolaridade. Quando comparamos o padrão de médias, verificamos que durante a semana, a diferença entre o tempo despendido em acessibilidade pelos pais menos escolarizados e os mais escolarizados é tendencialmente significativa ($t_{123} = 1.86, p = .06$).

Na interação não se revelam diferenças ($t_{123} = .89, ns$). No entanto, ao fim de semana, o tempo de acessibilidade e de interação difere entre os mais e os menos escolarizados ($t_{123} = 2.25, p = .026$) e ($t_{123} = 2.53, p = .013$).

Para facilitar uma leitura dos resultados relativos às referidas variáveis apresentamos no quadro 6 as respetivas médias e desvios padrão. Na figura 5 ilustramos a distribuição.

Figura 5 - Tempo médio despendido pelo pai, à semana e ao fim de semana, em função do tipo de interação e das habilitações literárias do pai.



4.1.1. Tipos de Interação

Para responder a esta questão começamos por efetuar uma ANOVA de medidas repetidas entrando Período da Semana (semana vs. Fim de semana) e as formas Interação como fatores intrasujeitos, cruzadas com a variável habilitações do pai.

Quadro 7 - Padrão de médias da escolaridade do pai em função da Interação com a criança

	Habilitações pai	N	M	DP
Semana - jogo	Menos escolarizados	77	2.98	15.31
	Mais escolarizados	45	.89	4.17
	Total	122	2.21	12.43
Semana - funcional	Menos escolarizados	77	.00	.00
	Mais escolarizados	45	.88	5.96
	Total	122	.32	3.62
Semana - paralelo	Menos escolarizados	77	63.37	94.09
	Mais escolarizados	45	61.77	88.40
	Total	122	62.78	91.67
Semana - transição	Menos escolarizados	77	11.03	15.77
	Mais escolarizados	45	12.66	27.74
	Total	122	11.63	20.90
Semana - apoio emocional e estimulação	Menos escolarizados	77	1.94	14.05
	Mais escolarizados	45	3.33	14.77
	Total	122	2.45	14.27
Fim de semana - jogo	Menos escolarizados	77	11.29	29.97
	Mais escolarizados	45	14.66	59.79
	Total	122	12.54	43.20
Fim de semana - funcional	Menos escolarizados	77	2.33	20.51
	Mais escolarizados	45	.66	4.47
	Total	122	1.72	16.49
Fim de semana - paralelo	Menos escolarizados	77	210.89	225.31
	Mais escolarizados	45	129.33	151.42
	Total	122	180.81	204.41
Fim de semana - transição	Menos escolarizados	77	8.05	20.96
	Mais escolarizados	45	12.44	26.03
	Total	122	9.67	22.96
Fim de semana - apoio emocional e estimulação	Menos escolarizados	77	.00	.00
	Mais escolarizados	45	1.33	8.94
	Total	122	.49	5.43214

Esta análise revelou efeitos de Período da Semana, $F(1,153) = 43.287, p < .001, \eta^2 = .26$, e de Período da Semana x habilitações do pai $F(1, 120) = 4.40, p < .05, \eta^2 = .03$., assim como, Período da Semana x tipos Interação x habilitações do pai ($F(4,480)=4.88, p<.001 \eta^2 = .03$).

Quando comparamos o padrão de médias, verificámos que durante a semana, não se encontraram diferenças significativas entre os menos e os mais escolarizados (maior $t_{123} = .26, ns$. Ao fim de semana acontece o mesmo com exceção da dimensão Paralelo, na qual os menos escolarizados despendem significativamente mais tempo ($t_{123} = 2.12, p = .036$).

4.2. Forma de Envolvimento Responsabilidade

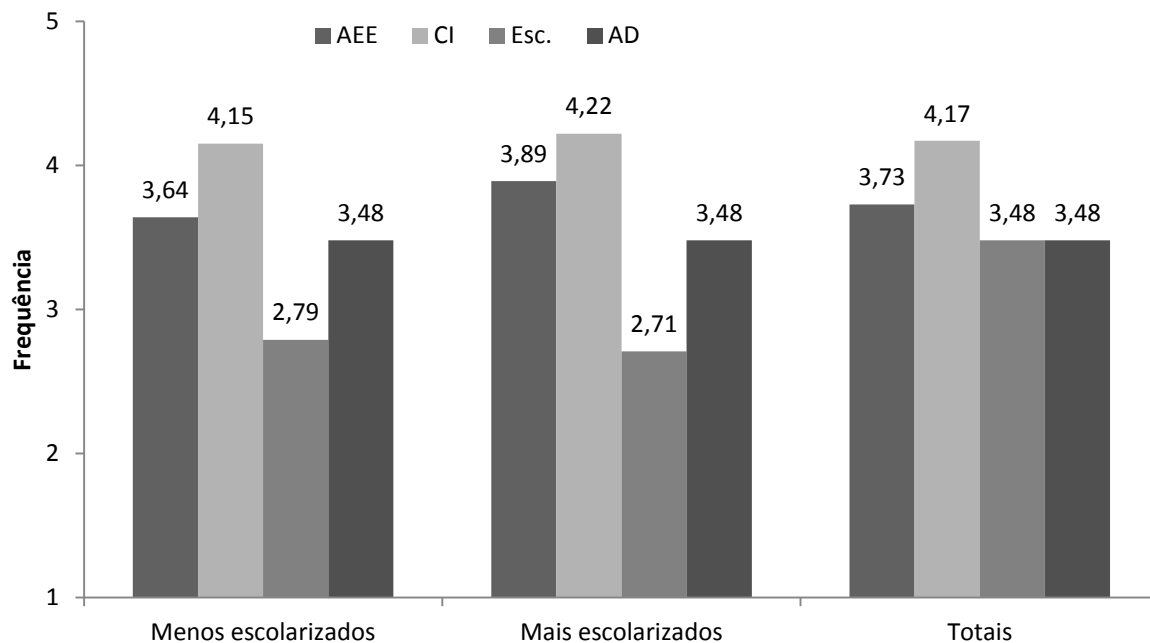
Para responder a esta questão começamos por uma ANOVA de medidas repetidas entrando Escolaridade do pai (menos escolarizados vs. mais escolarizados) e os quatro fatores de Responsabilidade como intrasujeitos, cruzadas com a variável habilitações do pai (2x4x2). Realizamos ainda uma Anova relativa à responsabilidade total paterna x habilitações do pai.

Esta análise não revelou efeitos da escolaridade do pai, quer ao nível das quatro dimensões de Responsabilidade $F(3,363) = .59, ns, \eta^2 = .041$, quer ao nível da responsabilidade total $F(1, 121) = .34, p = .56, ns$. Apresentamos abaixo o quadro 8 com as respetivas médias e desvios padrão. Na figura 6 ilustramos a distribuição.

Quadro 8 - Padrão de médias da escolaridade do pai em função da ERP

	Habilitações do pai	N	M	DP
ERP-Apoio emocional pai	Menos escolarizados	77	3.6387	1.16233
	Mais escolarizados	46	3.8874	.91677
	Total	123	3.7317	1.07992
ERP- Cuidados e Interesse pai	Menos escolarizados	77	4.1466	1.24172
	Mais escolarizados	46	4.2174	1.04360
	Total	123	4.1731	1.16765
ERP Escola pai	Menos escolarizados	77	2.6623	1.37063
	Mais escolarizados	46	2.7899	1.44932
	Total	123	2.7100	1.39604
ERP Autoridade e Disciplina pai	Menos escolarizados	77	3.4773	1.22621
	Mais escolarizados	46	3.4837	1.04802
	Total	123	3.4797	1.15836

Figura 6 - Padrão de médias de responsabilidade do pai



5. Caracterização da Responsabilidade paterna em função da Responsabilidade materna

Questão de investigação 4. Em que medida a Responsabilidade paterna varia em função da responsabilidade materna?

Procedendo a uma análise correlacional da Escala ERP, reportamos no Quadro 9, as correlações entre a responsabilidade total do pai e responsabilidade total da mãe, bem como entre as quatro dimensões da ERP para o pai e para a mãe.

Como se pode observar no quadro 9 as associações entre a responsabilidade do pai e a responsabilidade da mãe, quer total, quer relativa às dimensões de ERP, não se revelam significativas.

As correlações significativas, na generalidade, de magnitude elevada e positivas, reportam-se à associação dentro das dimensões do pai e dentro das dimensões da mãe e não no seu cruzamento.

Quadro 9 - Correlações entre os fatores da escala de satisfação com o envolvimento parental para o pai e para a mãe

	PAI				MÃE			
	AEE	CI	ESC.	AD	AEE	CI	ESC.	AD
pai	CI	.841**						
	ESC.	.613**	.514**					
	AD	.769**	.514**	.562**				
	TOTAL	.918**	.881**	.795**	.880**			
mãe	AEE	-.140	-.173*	-.126	-.137			
	CI	-.093	-.088	-.097	-.113	.596**		
	ESC.	-.055	-.076	-.025	.003	.442**	.373**	
	AD	-.067	-.046	-.036	.005	.565*	.487**	.518**
	TOTAL	-.103	-.118	-.081	-.06	.778**	.688**	.817**

Nota: Os valores apresentados correspondem a *r* de Pearson; **, $p < .01$.

Para compararmos o padrão de médias relativo às formas de envolvimento paterno com as formas de envolvimento materno efetuámos um T-Student para amostras emparelhadas.

Quadro 10 - Média e desvio-padrão dos quatro fatores da escala de responsabilidade (ERP)

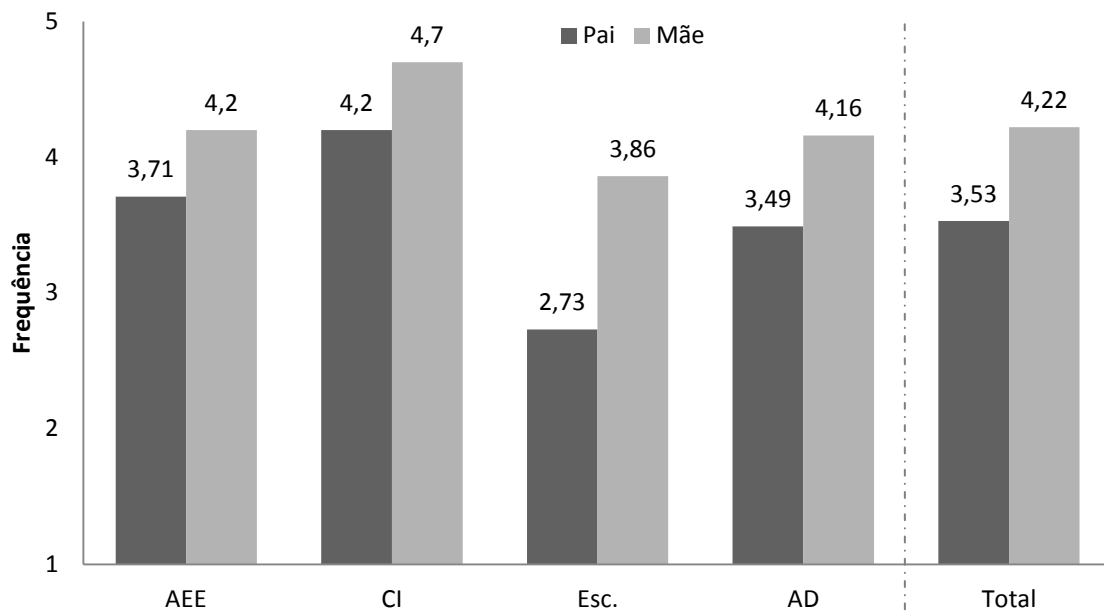
	pai		mãe	
	<i>M</i>	<i>(DP)</i>	<i>M</i>	<i>(DP)</i>
AEE	3.71	(1.08)	4.20	(0.66)
CI	4.20	(1.14)	4.70	(0.46)
Esc.	2.73	(1.37)	3.86	(1.13)
AD	3.49	(1.17)	3.86	(0.79)
Total	3.54	(1.04)	4.23	(0.60)

Nota: AEE = Apoio Emocional e Estimulação; CI = Cuidados e Interesse; Esc. = Escola; AD = Autoridade e Disciplina.

Verificamos diferenças significativas, na comparação entre o pai e a mãe, em todas as dimensões de ERP e na escala total: apoio emocional e estimulação ($t_{153} = 4.40, p < .001$),

cuidados e interesse ($t_{153} = 4.83, p < .001$), escola ($t_{154} = 7.87, p < .001$), autoridade e disciplina ($t_{153} = 5.85, p < .001$) e por último total da escala ($t_{150} = 6.68, p < .001$) onde as maiores médias se encontram nos resultados para a mãe. Contudo, para facilitar uma leitura dos resultados relativos às referidas variáveis, apresentámos as respetivas médias e desvios padrão. Na figura 7 ilustramos a distribuição.

Figura 7 - Médias dos quatro fatores da escala de responsabilidade paterna e materna



Capítulo IV – Discussão e Conclusão

Discussão e conclusão

Ao longo de todo o trabalho desenvolvido e apresentado no âmbito da elaboração desta Tese de Mestrado discutimos alguns pontos que julgamos particularmente pertinentes, destacando naturalmente alguns aspetos facilitados pelas análises previamente realizadas.

Neste sentido, tendo como base o critério utilizado para a apresentação dos resultados e as questões de investigação previamente formuladas, começamos por refletir sobre as formas de envolvimento dos pais destas crianças que vivem num contexto social com características muito específicas. Serão também tidas em conta as variáveis da criança (sexo), do pai (escolaridade) e o próprio envolvimento da mãe.

De forma a conseguir discutir estes resultados de forma integrada, recorreremos sempre que necessário, ao cruzamento dos resultados respeitantes às diferentes questões de investigação.

Convém antes de mais referir a maior disponibilidade destes pais para com os seus filhos ao fim de semana comparativamente à semana. Esta evidência, não é à partida surpreendente, uma vez que durante a semana as crianças passam a maior parte do seu tempo na escola e em atividades de tempos livres, enquanto os seus pais se encontram a trabalhar (embora nesta amostra alguns dos progenitores estejam desempregados, no total 15,6% dos pais e 22,1% das mães).

Durante o fim de semana, o tempo é essencialmente gasto ao nível da Interação, enquanto que durante a semana o maior envolvimento enquadra-se ao nível da Acessibilidade.

Relativamente aos Tipos de Interação em função do Período da Semana concluímos que estes pais interagem mais em Paralelo (atividades centradas no adulto, em que a criança está presente. No que respeita às rotinas, foram referidas nas entrevistas realizadas, longas horas em que pais e filhos viam televisão) e depois Transição (por norma são os pais que levam os filhos à escola e ao ATL).

Dedicam menos tempo ao Jogo e ao Apoio Emocional e Estimulação, mas é nas atividades de ajuda e prestação de cuidados (Funcional) que o pai menos se envolve. Este tipo de situação é bastante comum nestes meios sociais até porque a “cultura tradicional” tem ainda grande influência nestas famílias. Este facto intensifica-se ainda mais porque as etnias (em particular a etnia cigana) começam a constituir uma percentagem bastante significativa nestas populações. Nestes grupos sociais os papéis que estes pais desempenham, não são tão diferentes daqueles que os seus pais desempenhavam em tempos. Dedicam-se essencialmente ao trabalho (feiras na

maioria dos casos) e a perpetuar o nome da família, garantindo por isso a existência de filhos no casal. À mulher continuam a ser atribuídas as funções de dona de casa e mãe. São as mães que normalmente se ocupam do bem estar emocional dos filhos e do garante dos cuidados básicos. Do homem é esperado que consiga impor regras de comportamento e garanta a continuidade das tradições familiares.

No respeitante ao fim de semana o pai continua a interagir mais em Paralelo e despende mais tempo em atividades do tipo Jogo, entendido como aquelas atividades centradas na criança e realizadas por prazer ou diversão. Este resultado também era esperado atendendo à organização das famílias e ao horário escolar das crianças.

Também neste período, os pais se envolvem menos em atividade do tipo Funcional e Apoio Emocional e Estimulação.

Estes resultados eram de esperar atendendo ao meio em que a recolha de dados foi feita. Tal como havíamos referido no primeiro capítulo, baseando-nos em Harris e Marmer (1996, cit. por Nelson 2004), que a pobreza reduz o nível de envolvimento emocional do pai.

Um outro aspeto curioso no que se refere à Acessibilidade e à Interação tem a ver com a variável sexo. Apesar dos estudos mostrarem que os pais se envolvem mais com os filhos do que com as filhas (Pleck, 1997; Cabrera, 2000; Lamb, 2000), neste caso concreto constata-se que nem a Acessibilidade, nem a Interação, variam pelo facto do pai estar a envolver-se com um filho ou uma filha.

Relativamente à forma de envolvimento Responsabilidade e analisando o assumir de um conjunto de tarefas e responsabilidades para e com a criança, constatamos que o pai o faz mais do que «algumas vezes». Assume uma maior responsabilidade na dimensão Cuidados e Interesse e inversamente assume menos responsabilidade na dimensão Escola, onde o pai «raramente» assume responsabilidades. Esta menor Responsabilidade na dimensão Escola por parte do pai, já foi exibido em diversos estudos no campo da Psicologia da Educação que demonstram que a participação do pai nas atividades escolares é muito reduzida, nem que seja a sua presença nas reuniões escolares (Lima, 2009). Como havíamos já referido, os pais normalmente, no que ao nível da vida escolar dos filhos diz respeito, optam por se envolverem essencialmente na resolução de situações problemáticas do ponto de vista comportamental (Oyserman, Brickman & Rhodes, 2007).

Este aspeto merece uma reflexão mais aprofundada. Apesar da confirmação do contributo positivo que os homens podem trazer ao desenvolvimento das crianças, como já

referido várias vezes ao longo do trabalho, parece também verdade que estes pais são pouco incentivados a participar neste campo e alguns obstáculos precisam de ser vencidos para esse envolvimento se revelar bem sucedido. Alguns fatores poderão estar na origem deste constrangimento: os receios dos pais se revelarem inconvenientes, a ambivalência/inexistência de programas promotores de um maior envolvimento destes pais e uma intervenção mais significativa por parte das mães.

Consideramos que os profissionais da educação precisam de saber argumentar as razões específicas para o desenvolvimento destes programas, fundamentar porque consideram estes esforços importantes e de que forma poderão melhorar o serviço prestado às crianças e às suas famílias.

Defender o envolvimento masculino apenas porque é «*o tema do momento*» e esmorecer esses esforços numa altura em que um outro grande assunto emergir é, obviamente, inconsequente. Ora tal não deveria acontecer uma vez que os estudos revelam que a fraca participação do homem e a falta de comportamentos ditos «*responsáveis*» por parte deste são muitas vezes apontados como fatores para um futuro insucesso na vida dos filhos, nomeadamente na escola.

Dado o apoio destes grupos ser fundamental para o sucesso das iniciativas destinadas aos pais, estes profissionais precisarão de convicção no desenvolvimento das mesmas e serem específicos quanto aos destinatários, articulando-se com esses elementos de forma a ganhar o seu apoio.

Os estudos indicam também que as crianças de meios desfavorecidos nem sempre baseiam as suas relações com o pai biológico. Como tal, concentrar os esforços apenas naqueles pais excluirá um grande número de homens que desempenham papéis primordiais nas vidas destas crianças.

Por outro lado, a maioria dos educadores recebeu pouca ou nenhuma formação específica na área da participação dos pais. E isto é especialmente verdade na área do envolvimento masculino em programas para a infância. Se a meta é o bem estar das crianças e das famílias, então os professores precisarão de maior apoio técnico e de conhecer *boas práticas* que lhes permitam desenvolver e implementar iniciativas neste domínio.

Apesar de ser desejável o envolvimento de elementos do sexo masculino nestas iniciativas, tais expectativas nem sempre se concretizam dada a maioria de profissionais neste

setor serem mulheres. Tal implica uma particular sensibilidade para perceber a forma como homens e mulheres abordam questões ligadas aos papéis parentais e à interação com as crianças.

Retomando o envolvimento específico neste contexto, nas dimensões Apoio Emocional e Estimulação e Autoridade e Disciplina, o assumir dessas responsabilidades é menor comparativamente à dimensão Cuidado e Interesse, mas superior à dimensão Escola.

De salientar a harmonia dos resultados relativos de Responsabilidade paterna que são coerentes com os obtidos nas dimensões da Interação e Acessibilidade. Estes mostram que é na dimensão Cuidado e Interesse que a criança considera que o pai assume mais responsabilidade.

Debruçando-nos ainda sobre a Responsabilidade, verificamos já algumas diferenças que esperávamos encontrar. O pai assume, neste caso, maior responsabilidade com os rapazes do que com as raparigas, no entanto é no fator Autoridade e Disciplina que esta responsabilidade é mais significativa.

Com as raparigas, os pais assumem uma maior responsabilidade no respeitante ao Apoio Emocional e Estimulação, Cuidados e Interesse e Escola. Estas evidências contrastam no entanto com a literatura. Já no primeiro capítulo referimos Dubeau e Moss, (1998, cit. por Lima, 2009), como defensores da assunção de mais responsabilidade por parte dos pais relativamente ao rapaz, com quem empregam mais tempo. Os mesmos autores destacam também a maior assiduidade de comportamentos afetivos e verbalizações para com os filhos em comparação com as filhas, e o dedicar de mais tempo com um rapaz. Também Camus (2000) aponta uma maior intervenção e *rigidez* do pai para com os rapazes comparativamente às raparigas.

Relativamente às habilitações académicas do pai, podemos constatar mais um dado surpreendente e que não vai de encontro à literatura. Neste estudo, ao contrário do que seria esperado, não encontramos efeitos significativos entre estas variáveis, e curiosamente, são os pais menos escolarizados os mais envolvidos, mais vincadamente no tipo Paralelo e mais ao fim de semana.

Quando cruzamos a varável da mãe, como seria de esperar constatámos dados interessantes que passámos a descrever: quanto maior é a responsabilidade do pai ao nível de cuidados e interesse, maior é o apoio emocional e estimulação, onde curiosamente se verifica também um maior envolvimento por parte da mãe.

É curioso constatar que neste estudo, a mãe exerce claramente um papel regulador no envolvimento do pai. Os valores ao nível da responsabilidade encontram-se muito próximos e verificámos que quanto maior é o envolvimento da mãe, maior é também o do pai.

De referir no entanto que a mãe se envolve mais ao nível da Escola pelos motivos que já referimos anteriormente.

Por tudo aquilo que já foi exposto, em jeito de balanço, consideramos pertinente referir alguns pontos que poderão desmitificar a realidade destes contextos específicos. Foram já abordadas no início deste trabalho algumas considerações relativas às consequências do baixo estatuto social no que respeita ao envolvimento. Nesta fase, podemos referir que neste Território Educativo de Intervenção Prioritária, a noção de que todos os pais com baixos rendimentos e em situações de risco negligenciam as crianças é um mito.

Neste caso específico, chegou-se à conclusão que, apesar da grande maioria das crianças viverem no Bairro em questão, pertencendo inclusive algumas delas às já referidas minorias étnicas (ciganos nomeadamente) percebemos que muitos dos inquiridos afirmaram ter uma interação regular com o pai e que este está presente em grande parte das suas rotinas. É por isso caso para perguntar se nestes meios os pais não se envolvem mais porque não são incentivados em participar na vida dos filhos, ou se nesta circunstância particular, os participantes desta amostra são os que efetivamente mais se envolvem e aqueles que não acederam a participar no estudo são os menos envolvidos?

Foi curioso constatar, na altura das entrevistas, que de facto uma percentagem significativa de pais se preocupava com os filhos, interagiam com os mesmos, desenvolvendo inclusive atividades do tipo Jogo. Este aspeto é mais interessante ainda, se acrescentarmos que estes casos sucediam nomeadamente com crianças de etnia, muitas vezes consideradas totalmente negligenciadas.

Finalmente, por tudo o que foi apresentado, consideramos que apesar das inevitáveis fragilidades, conseguimos também uma série de contributos que iremos expor.

No respeitante à metodologia convém referir a dimensão da amostra. Num meio social com as características em que este estudo decorreu, os pais mostram-se sempre muito reticentes e pouco colaborativos em participar, mais ainda quando envolve a exploração das rotinas dos seus filhos. Neste caso, tal não aconteceu.

Seguidamente é de referir a aplicação de um modelo integrador das três formas de envolvimento que incide sobre a Interação, a Acessibilidade e a Responsabilidade no envolvimento do pai, tendo em conta variáveis relativas à criança, ao pai e também à mãe.

É ainda importante realçar os resultados desta investigação, que decorreu num contexto pouco estudado e poderão ser aprofundados em estudos posteriores.

Sugerimos: (1) complementar este trabalho com um estudo longitudinal; (2) aprofundar o impacto do envolvimento destes pais no sucesso académico dos filhos; (3) estudar nestes contextos os pais oriundos de etnias específicas, uma vez que claramente encaram a paternidade e os contextos educativos de forma muito própria; (4) desenvolver trabalhos que envolvam pais de crianças com incapacidade e multideficiência, uma vez que nestes meios encontramos amostras significativas; (5) explorar as consequências desse envolvimento em grupos de adolescentes que nestes contextos apresentam comportamentos bastante inadequados e insucesso académico; (6) o interesse em desenvolver estudos comparativos entre crianças deste tipo de contextos educativos e crianças de instituições de ensino particular; (7) promover estudos exploratórios junto de docentes sobre a temática em estudo (8) a necessária ligação entre a investigação e a prática, isto é, a enunciação e execução de um conjunto de estratégias promotoras de um envolvimento paterno positivo na vida escolar dos filhos e consequente para o minimizar de comportamentos inadequados e promotores de sucesso educativo.

Naturalmente, para além destas questões, muitas outras poderão ser levantadas, desejando porém que este trabalho tenha servido para esclarecer o conhecimento sobre o envolvimento paterno em contextos educativos TEIP.

Seria ideal, citando Alves Redol na sua obra «Constantino, Guardador de vacas e de sonhos», que todas estas crianças, num futuro possam ter «conversas a sério» com os seus pais, sem que à semelhança do personagem, lhes custem tanto «essa conquista».

Referências bibliográficas

- Alfaro, E. C., Umaña-Taylor, A. J., & Bamaca, M. Y. (2006). The Influence of Academic Support on Latino Adolescents' Academic Motivation. *Family Relations*, 55 (3), 279-291.
- Allen, S. M., & Daly K. (2002). The Effects of Father Involvement: A Summary of the Research Evidence. *PhD, University of Guelph, Volume 1*.
- Allen, S. M. & Daly, K. (2007). Measuring Father Involvement. *The Journal of Men's Studies*. Vol. 10, No. 2, pp. 183-196.
- Amato, P.R., & Fowler, F. (2002). Parenting Practices, Child Adjustment, and Family Diversity. *Journal of Marriage and Family*. 64: 703–716.
- Benetti, S. P. C., & Roopnarine, J. L. (2006). Paternal Involvement with School-aged Children in Brazilian Families: Association with Childhood Competence. *Published online: 6 December 2006 Springer Science + Business Media*.
- Burgos, L. (2002). Psychology team of the young child, personalization and social changes laboratory. *UFR of Psychology, Univesity of Toulouse*.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S. L., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Camus, J. L. (2000). *O verdadeiro papel do pai*. Porto: Ambar.
- Camus, J.L. & Frascarolo, F. (2003). Introduction of the special issue on fatherhood. *European Journal of Psychology of Education*. Vol. XVIII, nº2, 95-99.
- Canário, R., Alves, N., & Rolo, C. (2001). *Escola e Exclusão Social*. Lisboa: Educa – Instituto de Inovação Educacional.
- Christiansen, S., & Palkovitz, R. (2001). Why the 'good provider' role still matters: Providing as a form of paternal involvement. *Journal of Family Issues*, 22(1), 84-106.
- Cia, F., D´Affonseca, B., Sabrina. M. & Elizabeth J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia*. 14(29). 277-286.
- Cia, F., Williams, L. C. A. & Aiello, A.L.R. (2005). Paternal influences on child development: a literature review. *Universidade Federal de São Carlos*.

- Coley, R.L. & Coltrane S. (2007). Commentary: Impact of Father Involvement on Children's Developmental Trajectories: New Findings Panel for the National Fatherhood Forum. *Online Publication*.
- Day, R. D., & Lamb, M. E. (2004). Conceptualizing and measuring father involvement: Pathways, problems, and progress. In R. D. Day & M. E. Lamb (Eds.), *Conceptualizing and measuring father involvement* (pp. 1-16). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2000). Deficiência mental e família: uma análise da produção científica. *Paidéia (Ribeirão Preto)*. [online]. vol.10, n.19, pp. 12-23. ISSN 0103-863X.
- Dessen, M. A., & Lewis, C. Como estudar a "família" e o "pai"?. (1998). *Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. vol.8, n.14-15, pp. 105-121. ISSN 0103-863X.
- Featherstone, B. (2004). Fathers Matter: A Research Review, *Children & Society*. volume 18. pp. 312–319. *Published online in Wiley InterScience (www.interscience.wiley.com)*.
- Ferreira, L. S., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Sintomatologia de Couvade e o envolvimento paterno vivenciado durante a gravidez. *Psic., Saúde & Doenças*, vol.11, no.2, p.251-269. ISSN 1645-0086.
- Fletcher, R., & Silberberg, S. (2006). Involvement of fathers in primary school activities. *Australian Journal of Education*.
- Garbarino, J., & Abramowitz, R.H. (1992). *Children and families in the social environment*. United States of America: Library of Congress.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online]. vol.20, n.2, pp. 119-125.
- Halpern, R., Amira C. M. Figueiras, & Amira C.M. (2004). Influências ambientais na saúde mental da criança. *Jornal de Pediatria - Vol. 80, Nº2(Supl)*.
- Hawkins, A. J., Bradford, P.K., Palkovitz, R., Christiansen, S.L., Day, R. D., & Call, V.R.A.(2002). The Inventory of Father Involvement: A Pilot Study of a New Measure of Father Involvement, *The Journal of Men's Studies*, Vol. 10, No. 2, pp. 183-196.

- Kaisa A., K., & Nurmi, J.(2005). The Role of Parenting Styles in Children's Problem Behavior. *University of Jyväskylä, Child Development*, Volume 76, Number 6, Pages 1144 – 1159.
- Labore, L.M.O.B.S. (2009), Família e escola: em busca de uma (re)aproximação, Laboratório de Estudos Contemporâneos POLÊMICA, *Revista Eletrônica, Universidade do Estado do Rio de Janeiro*.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: An introductory overview and guide. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 1-18). New York: John Wiley & Sons.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review*, 29, 23-42.
- Lamb, M. E., Pleck, Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement. In J. B. Lancaster, J. Altman, A. Rossi & L. R. Sherrod (Eds.), *Parenting across the lifespan: Biosocial perspectives* (pp. 11-42). New York: Academic.
- Lima, J. A. (2001). *Processos de socialização da criança em idade pré-escolar: O envolvimento paterno*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Lima, J. A. R. (2008). *O Tempo e as Formas de Envolvimento do pai em Tarefas de Socialização dos Filhos em Idade Pré-escolar*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Lima, J. A. R. (2009). *O Envolvimento do pai no Processo Desenvolvidor da Criança em Idade Escolar: Formas, Fatores e Consequências*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Marks, L., & Palkovitz, R. (2004). American Fatherhood Types: The Good, the Bad, and the Uninterested, *Louisiana State University University of Delaware, Fathering*, Vol. 2, No. 2, 113-129.
- McBride, B. A., & Rane, T. R. (1997). Role identity, role investments, and paternal involvement: Implications for parenting programs for men. *Early Childhood Research Quarterly*, 12(2), 173-197.

- McBride, B. A., Schoppe-Sullivan, S. J., & Ho. M. (2005). The mediating role of fathers' school involvement on student achievement. *Journal of Applied Developmental Psychology*. Volume 26, Issue 2, Pages 201-216.
- Molinari, J. S. O., Silva, M. F. M. C., & Crepaldi, M. A. (2005). Saúde e desenvolvimento da criança: a família, os fatores de risco e as atenções na ação básica. *Psicologia Argumento*. Curitiba. v. 23, n. 43 p. 17-26.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*. vol. 26, no.3, p.395-409. ISSN 0870-8231.
- Nelson, T.J.(2004). Low-Income Fathers; *Sociology Department, Northwestern University, Evanston*. First published online as a Review in Advance on April 2.
- Oyserman, D., Brickman, D., & Rhodes, M. (2007). School Success, Possible Selves, and Parent School Involvement. *Article first published online*.
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing "involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. Hawkins & D. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 220-216). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Pimenta, M., Veríssimo, M., Monteiro, L., & Pessoa e Costa, I.; (2004). O envolvimento paterno de crianças a frequentar o jardim-de-infância. *Análise Psicológica*, 4 (XXVIII): 565-580.
- Pleck, E., & Pleck, J. (1997). Fatherhood ideals in the United States: Historical dimensions. In M. E. Lamb (Ed.). *The role of the father in child development* (3 ed., pp. 33-48). New York: John Wiley & Sons.
- Pleck, J., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement by U. S. residential fathers: Levels, sources and consequences. In M. E. Lamb (Ed.). *The role of the father in child development* (4 ed., pp. 222-270). New York: John Wiley & Sons.
- Redol, A.; (1975). *Constantino Guardador de Vacas e de Sonhos*. Lisboa: Publicações Europa-América.

- Ribeiro, M. C. O., & Sani, A. I. (2009). Risco, proteção e resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade das Ciências da Saúde*. Porto: Edições Fernando Pessoa, ISSN 1646-0480.6, 400-407.
- Rodrigues, P., & Peixoto F. (2005). Atitudes parentais em relação ao desempenho académico dos filhos e sua relação com o autoconceito, *Auto-estima e motivação*, ISPA.
- Scales, P. C. B., Peter L., Roehlkepartain, E. C., Hintz, N. R., Sullivan, T. K., & Mannes, M. (2004). The Role of Neighborhood and Community in Building Developmental Assets for Children and Youth: A National Study of Social Norms Among American Adults. *Psyche*, novembro, 213-230.
- Silberberg, S., & Fletcher, R. (2006). Involvement of fathers in primary school activities; *University of Newcastle, Australian Journal of Education*. Vol. 50, No. 1, 29–39
- Silva, M. A. S. (2010). Expectativas sociais do aluno na Educação Física inserido no contexto de vulnerabilidade. *Revista Digital - Buenos Aires - Ano 15 - Nº 145*.
- Silva, N. L. P., & Dessen, M. A. (2006). Padrões de interação genitores-crianças com e sem síndrome de Down. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol.19, n.2, pp. 283-291. ISSN 0102-7972.
- Sousa, L., & Ribeiro, C. (2005). Perceção das famílias multiproblemáticas pobres sobre as suas competências. *Psicologia*. Vol. XIX (1-2), Lisboa: Edições Colibri, pp. 169-191.
- Wood, J., & Repetti, R. (2004). What gets dad involved? A longitudinal study of change in parental child care-giving involvement. *Journal of Family Psychology*. Vol.18, Issue 1, pp 237-249.
- Yunes, M. A. M., Garcia, N. M., & Albuquerque, B. M. (2007). Monoparentalidade, pobreza e resiliência: entre as crenças dos profissionais e as possibilidades da convivência familiar. *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. vol.20, n.3, pp. 444-453. ISSN 0102-7972.

Anexo 1

Declaração de consentimento Informado

Declaração de Consentimento Informado

A presente declaração inclui-se no âmbito de um projecto de investigação de Mestrado, na área de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Relativamente à investigação, esta insere-se num estudo mais alargado sobre o *Envolvimento do pai num Contexto Educativo* e tem por objectivo *Compreender o Impacto do Envolvimento Paterno no Sucesso Educativo do Filho*.

Desta forma, vimos por este meio solicitar o seu consentimento para a colaboração do seu educando nesta investigação, permitindo a participação dos participantes seleccionados.

Esta selecção será realizada pelos investigadores, em colaboração com os responsáveis das entidades, sendo esta voluntária, por parte das crianças e jovens.

Para a recolha de dados será utilizada *Inquéritos Individuais*, ao longo dos quais serão solicitadas ao seu educando várias opiniões sobre o *Envolvimento do pai* e informações relativas às suas *Rotinas*.

Mais se informa que, todos os dados recolhidos no âmbito desta investigação são de carácter confidencial, tratando-se de um tratamento dos resultados no seu conjunto, pelo que o acesso aos dados de cada participante irá limitar-se aos investigadores deste projecto.

Orientador do Projecto de Investigação

Responsável da Entidade

Assinatura do investigador

Porto, ____ de _____ de 2010

Anexo 2

Ficha de datos Sociodemográficos

Ficha de dados sociodemográficos

A presente ficha inclui-se no âmbito de um projecto de investigação de Mestrado, na área de Psicologia do Desenvolvimento e Educação da Criança, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Relativamente à investigação, esta insere-se num estudo mais alargado sobre o *Envolvimento do pai num Contexto Educativo* e tem por objectivo *Compreender o Impacto do Envolvimento Paterno no Sucesso Educativo do Filho*.

Desta forma, vimos por este meio solicitar-te que o preenchas correctamente, respondendo a algumas questões. Está dividido em duas partes, uma primeira onde te são colocadas relativas a TI e uma segunda parte onde te são colocadas questões relativas aos teus PAIS. Nas questões com debes colocar um **X**.

Os dados recolhidos no âmbito desta investigação são de carácter confidencial, pelo que o acesso aos dados de cada participante irá limitar-se aos investigadores deste projecto.

Obrigado pela tua colaboração.

Esta **primeira parte**, são perguntas relativamente a **TI**.

1. És do sexo masculino (M) ou feminino (M)?

2. Quantos anos tens?

3. Vives no Bairro do Cerco Noutra zona

Se viveres no Bairro do Cerco, avança para a questão 4.

4. Qual a zona em que vives?.

5. Com quem vives?

6. Que ano de escolaridade frequentas?

7. Sempre foste aluno desta escola? SIM NÃO

8. Se respondeste SIM, avança para a questão 8, se respondeste NÃO, diz em que escola (s) já estudaste.

9. Já reprovaste alguma vez? SIM NÃO

10. Se respondeste NÃO, avança para a **segunda parte** do inquérito. Se respondeste SIM, responde:

7.1 Quantas vezes reprovaste?

7.2. Em que ano (s) de escolaridade já reprovaste?

Esta **segunda parte** são perguntas relativas **aos teus pais**, tenta lembrar-te e responde.

1. Que idade tem o teu pai?

2. Até que ano estudou?

3. Qual a sua profissão?

4. Que idade tem a tua mãe?

5. Até que ano estudou?

6. Qual a sua profissão?

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Instruções

1. Neste questionário vamos fazer-te algumas perguntas acerca das responsabilidades e actividades que os pais fazem com os seus filhos. O que queremos saber é o que pensas sobre cada uma dessas coisas.
2. Como isto não é um teste, não há respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante.
3. As tuas respostas são privadas e confidenciais.
4. Nas páginas seguintes vão ser apresentadas 27 perguntas. Para cada uma delas faz uma cruz no quadrado que melhor corresponde à tua opinião acerca desse assunto.

A seguir apresentamos-te um exemplo de como se responde ao questionário. Supõe que era esta a pergunta:

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. O teu pai vê televisão lá em casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Se o teu pai raramente vê televisão lá em casa faz uma cruz no **Raramente**

Se o teu pai vê muitas vezes televisão lá em casa faz uma cruz no **Muitas vezes**

Ou escolhe qualquer uma das outras opções que melhor correspondam à tua opinião.

5. Se te enganares e quiseres mudar a tua resposta, risca por cima e faz uma nova cruz na nova opção.
6. Agora, vira a página e começa a responder. Não te esqueças que deves **responder a todas as questões**.
7. Desde já, muito obrigado pela tua ajuda.

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. O teu pai vai às reuniões da tua escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. O teu pai acha importante comprar brinquedos, livros ou jogos para ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. O teu pai cuida de ti ou leva-te ao médico quando estás doente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. O teu pai decide os teus assuntos da escola? Ex.: decide se vais a visitas de estudo, actividades extracurriculares, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. O teu pai recompensa-te quando te portas bem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. O teu pai leva-te à escola ou às tuas actividades extra-escolares? Ex.: actividade desportiva, música, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. O teu pai manda lá em casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. O teu pai mostra interesse em que aprendas e experimentes coisas novas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. O teu pai preocupa-se em que faças uma alimentação adequada?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. O teu pai brinca ou joga contigo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. O teu pai leva-te a passear e a fazer outras actividades de lazer? Ex.: ir ao cinema, teatro, futebol, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. O teu pai compra contigo a tua roupa e calçado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. O teu pai preocupa-se em que durmas o suficiente e que te deites a horas adequadas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. O teu pai mostra interesse pelas tuas notas da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. O teu pai mostra interesse em que brinques, jogues ou converses com os teus amigos e colegas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. O teu pai é meigo e carinhoso contigo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. O teu pai preocupa-se em trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a família e pagar as despesas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. O teu pai conversa contigo quando estás preocupado ou triste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. O teu pai preocupa-se em que cuides da tua higiene pessoal? Ex.: estejas limpo e asseado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. O teu pai decide o que podes ou não podes fazer?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. O teu pai mostra interesse pelo teu dia-a-dia? Ex.: como foi o teu dia, se está tudo bem contigo, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. O teu pai ajuda-te com os trabalhos da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. O teu pai importa-se em que cumpras o horário escolar e os teus compromissos? Ex.: não chegar atrasado às aulas, faltar, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. O teu pai castiga-te quando te portas mal?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. O teu pai acha importante que participes em actividades extra-escolares? Ex.: grupo desportivo, música, dança, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Quando precisas de um conselho, vais pedi-lo ao teu pai?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. O teu pai ensina-te coisas novas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. A tua mãe vai às reuniões da tua escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. A tua mãe acha importante comprar brinquedos, livros ou jogos para ti?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. A tua mãe cuida de ti ou leva-te ao médico quando estás doente?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. A tua mãe decide os teus assuntos da escola? Ex.: decide se vais a visitas de estudo, actividades extracurriculares, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. A tua mãe recompensa-te quando te portas bem?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. A tua mãe leva-te à escola ou às tuas actividades extra-escolares? Ex.: actividade desportiva, música, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. A tua mãe manda lá em casa?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. A tua mãe mostra interesse em que aprendas e experimentes coisas novas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. A tua mãe preocupa-se em que faças uma alimentação adequada?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. A tua mãe brinca ou joga contigo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. A tua mãe leva-te a passear e a fazer outras actividades de lazer? Ex.: ir ao cinema, teatro, futebol, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. A tua mãe compra contigo a tua roupa e calçado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. A tua mãe preocupa-se em que durmas o suficiente e que te deites a horas adequadas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. A tua mãe mostra interesse pelas tuas notas da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. A tua mãe mostra interesse em que brinques, jogues ou converses com os teus amigos e colegas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. A tua mãe é meiga e carinhosa contigo?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. A tua mãe preocupa-se em trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a família e pagar as despesas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. A tua mãe conversa contigo quando estás preocupado ou triste?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. A tua mãe preocupa-se em que cuides da tua higiene pessoal? Ex.: estejas limpo e asseado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. A tua mãe decide o que podes ou não podes fazer?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. A tua mãe mostra interesse pelo teu dia-a-dia? Ex.: como foi o teu dia, se está tudo bem contigo, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. A tua mãe ajuda-te com os trabalhos da escola?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. A tua mãe importa-se com que cumpras o horário escolar e os teus compromissos? Ex.: não chegar atrasado às aulas, faltar, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. A tua mãe castiga-te quando te portas mal?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. A tua mãe acha importante que participes em actividades extra-escolares? Ex.: grupo desportivo, música, dança, etc.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Quando precisas de um conselho, vais pedi-lo à tua mãe?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. A tua mãe ensina-te coisas novas?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 4

GUIA

GUIA

Guião de Entrevista – Interação e Acessibilidade



Adaptação com base nas indicações do *Harmonized European Time Use Survey*
e do projecto *O Uso do Tempo das Crianças em Idade Escolar*

Data:

Identificação (ID):

Nome da Criança:

Sexo Masculino

Sexo Feminino

Idade da Criança:

Ano de Escolaridade:

Dia da semana a que reporta o diário	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	Sáb.	Dom.
--------------------------------------	----------------	----------------	----------------	----------------	----------------	------	------

Diário de dia de Semana

Diário de dia de Fim-de-semana

Tipicidade do dia	1	2	3	4	5
-------------------	---	---	---	---	---

Duração da Entrevista:

GUIA

GUIÃO DE ENTREVISTA – INTERACÇÃO E ACESSIBILIDADE

Folha de Registo e de Codificação

Horas	O que estavas a fazer?	O que mais estavas a fazer?	Onde estavas?	COD							Estavas sozinho(a) ou acompanhado(a)?					Outra situação
				5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	
06.00-06.10				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
06.10-06.20				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
06.20-06.30				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
06.30-06.40				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
06.40-06.50				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
06.50-07.00				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
07.00-07.10				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
07.10-07.20				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
07.20-07.30				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	
07.30-07.40				A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro	

07.40-07.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
07.50-08.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
08.00-08.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
08.10-08.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
08.20-08.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
08.30-08.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
08.40-08.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
08.50-09.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
09.00-09.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
09.10-09.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
09.20-09.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
09.30-09.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
09.40-09.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
09.50-10.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
10.00-10.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

10.10-10.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
10.20-10.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
10.30-10.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
10.40-10.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
10.50-11.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
11.00-11.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
11.10-11.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
11.20-11.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
11.30-11.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
11.40-11.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
11.50-12.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
12.00-12.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
12.10-12.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
12.20-12.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
12.30-12.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

12.40-12.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
12.50-13.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
13.00-13.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
13.10-13.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
13.20-13.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
13.30-13.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
13.40-13.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
13.50-14.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
14.00-14.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
14.10-14.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
14.20-14.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
14.30-14.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
14.40-14.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
14.50-15.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
15.00-15.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

15.10-15.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
15.20-15.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
15.30-15.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
15.40-15.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
15.50-16.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
16.00-16.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
16.10-16.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
16.20-16.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
16.30-16.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
16.40-16.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
16.50-17.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
17.00-17.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
17.10-17.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
17.20-17.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
17.30-17.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

17.40-17.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
17.50-18.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
18.00-18.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
18.10-18.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
18.20-18.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
18.30-18.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
18.40-18.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
18.50-19.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
19.00-19.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
19.10-19.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
19.20-19.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
19.30-19.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
19.40-19.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
19.50-20.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
20.00-20.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

20.10-20.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
20.20-20.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
20.30-20.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
20.40-20.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
20.50-21.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
21.00-21.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
21.10-21.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
21.20-21.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
21.30-21.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
21.40-21.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
21.50-22.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
22.00-22.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
22.10-22.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
22.20-22.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
22.30-22.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

22.40-22.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
22.50-23.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
23.00-23.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
23.10-23.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
23.20-23.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
23.30-23.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
23.40-23.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
23.50-24.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
00.00-00.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
00.10-00.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
00.20-00.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
00.30-00.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
00.40-00.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
00.50-01.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
01.00-01.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

01.10-01.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
01.20-01.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
01.30-01.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
01.40-01.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
01.50-02.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
02.00-02.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
02.10-02.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
02.20-02.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
02.30-02.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
02.40-02.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
02.50-03.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
03.00-03.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
03.10-03.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
03.20-03.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
03.30-03.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

03.40-03.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
03.50-04.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
04.00-04.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
04.10-04.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
04.20-04.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
04.30-04.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
04.40-04.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
04.50-05.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
05.00-05.10			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
05.10-05.20			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
05.20-05.30			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
05.30-05.40			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
05.40-05.50			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro
05.50-06.00			A	I	J	F	P	T	AEE	Só	pai	mãe	Avós	Outro

